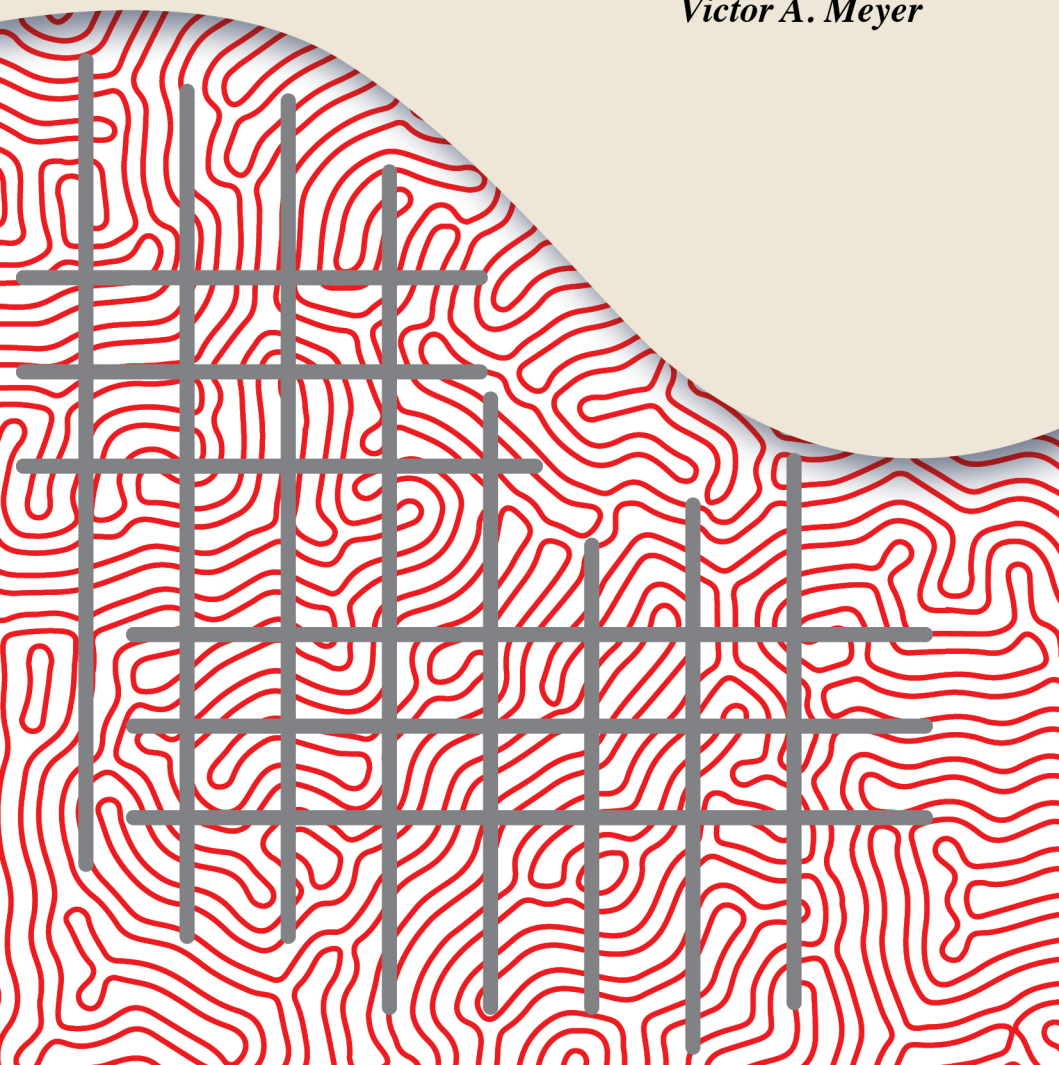


O LABIRINTO

*Encontros clandestinos entre
a vida e a morte
e outras narrativas*

Victor A. Meyer



O LABIRINTO

ENCONTROS CLANDESTINOS

ENTRE A VIDA E A MORTE

e outras narrativas

Victor Augusto Meyer Nascimento

O LABIRINTO

***ENCONTROS CLANDESTINOS
ENTRE A VIDA E A MORTE
e outras narrativas***

Victor Augusto Meyer Nascimento

CVM

Centro de Estudos Victor Meyer

Visite o nosso portal em www.centrovictormeyer.org.com

© 2021 Victor Augusto Meyer Nascimento

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do copyright.

Copidesque

BR75 | Magda Carlos

Revisão

BR75 | Clárisse Cintra

Projeto gráfico de capa

Eliza Tieko Yonezo

Projeto gráfico de miolo

Victor Augusto Meyer Nascimento

Diagramação

BR75 | Thais Chaves

Produção editorial

BR75 | Clárisse Cintra e Silvia Rebello

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

M56L Meyer, Victor Augusto, 1948-2001

O labirinto: encontros clandestinos entre a vida e a morte e outras narrativas/Victor Augusto Meyer Nascimento. 1. ed. Rio de Janeiro: Edite, 2021.

127 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-86850-10-9

1. Brasil - Política e governo - Ensaios 2. Meyer, Victor Augusto, 1948- Narrativas pessoais 3. Ditadura 4. Literatura brasileira I. Título

21-0992

CDD 869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Coletânea de textos

Este livro é composto por pequenos textos, com gêneros diversos, que retratam distintos momentos políticos, a partir de vivências da infância, da adolescência e da juventude do autor, sob o seu olhar sensível e arguto. O Labirinto – Encontros Clandestinos entre a Vida e a Morte representa a narrativa mais significativa desta obra. Não por acaso, merecedora do título. Nela, acompanhamos as memórias do autor, que se deslocam ao longo dos anos da ditadura militar brasileira, narradas de modo envolvente. O livro contém também um texto analítico da organização política a que o autor pertencera durante os “Anos de Chumbo” e outros textos, com suas impressões de Paris e de Cuba.

SUMÁRIO

Apresentação 9

PARTE I

O LABIRINTO – *Encontros Clandestinos
entre a Vida e a Morte*17

PARTE II

LEMBRANÇAS DE RIACHINHOS.....53

IMAGENS67

PARTE III

FRÁGUA INOVADORA: O Tormentoso

Percurso da POLOP73

PARIS.....89

UM OLHAR SOBRE CUBA97

PARTE FINAL

MILITÂNCIA POLÍTICA DE VICTOR MEYER

Eliza Tieko Yonezo103

UMA BREVE RETROSPECTIVA DA VIDA DE VICTOR

Antônio Fernando Meyer Nascimento107

CARTA AO AMIGO

Rogério Cunha de Campos.....113

FOTOS115

APRESENTAÇÃO

Com muita satisfação, apresento para vocês “O LABIRINTO – *Encontros Clandestinos entre a Vida e a Morte*”, narrativa concluída por Victor Meyer no início de dezembro de 2000. Naquele mesmo mês, no dia 18, o autor defendeu a sua tese de doutorado em Administração Pública na Universidade Federal da Bahia. Sentia-se, naquele momento, muito satisfeito por ter terminado as duas jornadas simultaneamente, apesar de seu estado de saúde requerer muitos cuidados. Com tudo isso, mantinha-se otimista e encontrava-se envolvido com outro projeto em andamento na Universidade Estadual de Feira de Santana, sobre os ferroviários de Alagoinhas.

A ideia da narrativa surgiu no início de 1982. Victor, naquela época já era funcionário do Banco do Brasil, e eu, funcionária da Justiça do Trabalho de São Paulo, a partir do início de 1984. Havíamos, enfim, rompido o período de readaptação à vida legal, após um longo período de clandestinidade que durou até o advento da Lei da Anistia, em 1979. Do início até a sua finalização, a narrativa passou por transformações através de uma lenta destilação de suas lembranças e por uma lapidação, digna de um criador de joias especiais. Um esforço nada desprezível, levando-se em conta a fidelidade aos fatos e detalhes a serem lembrados. Por inúmeras vezes, o esboço foi guardado e, outras tantas, reabilitado, ao sabor do tempo que Victor dispunha. Mas em todas as ocasiões, quando surgia oportunidade de retomá-lo, podia ver a satisfação refletida em seus olhos. Sabia que iríamos sentar e juntos relembrar longamente o passado e, invariavelmente, ouvir o seu pedido para que eu o relesse, com os acréscimos feitos. Gratificantes momentos.

A narrativa expressa algumas de suas lembranças, memórias, sensações e experiências vividas durante o período duro da ditadura militar, regalando a todos com imagens marcantes, algumas leves, pitorescas e delicadas, outras duras. Todas elas com uma característica comum: a sutileza da sua linguagem e suas frases muito bem elaboradas. Resalta-se na narrativa a maestria com que brinca com o tempo ao percorrer o tortuoso labirinto – transitando entre diversos momentos do passado – tecendo imagens que vão e vem, num movimento harmonioso.

Apresentar a narrativa causa-me, também, alegria e satisfação, por saber que ela resgata parte da vida de Victor e por representar uma singela homenagem por ele prestada aos companheiros de luta do período do regime de exceção, bem como à sua família, presente nos momentos cruciais.

Para as nossas filhas, O LABIRINTO representa um legado de valor inestimável e único. Um pouco das memórias dele passou a fazer parte da vida delas. Além disso, ensinou-lhes uma lição de vida fundamental: a de que somos todos agentes da história, e, nessa medida, devemos denunciar as injustiças, atrocidades e arbitrariedades cometidas pelo Estado. As denúncias do período da ditadura militar, neste sentido, resgatam muitas histórias reais e devem ser difundidas, de alguma forma, para as novas gerações, desconhecedoras de um dos capítulos mais importantes e brutais da história recente do Brasil.

Este livro está dividido em quatro partes. A Parte I contém a narrativa “O LABIRINTO – *Encontros Clandestinos entre a Vida e a Morte*”.

Nas Partes II e III desta publicação aproveitamos a oportunidade para incluir alguns outros escritos de Victor. Quase

ninguém sabia de sua inclinação literária. A maioria conhecia o perfil do Victor militante político, teórico, suas análises econômicas e políticas. Ele dispunha de pouco tempo para escrever suas narrativas e crônicas regularmente, ainda que essa atividade lhe proporcionasse imenso prazer.

A Parte II contém uma narrativa “LEMBRANÇAS DE RIACHINHOS”, e uma crônica “IMAGENS”, ambas escritas há muito tempo também.

Victor começou a trabalhar no esboço de LEMBRANÇAS DE RIACHINHOS em 1976, ano em que passamos a morar juntos em uma pensão na Rua Haddock Lobo, no Rio de Janeiro e, logo em seguida, em uma casa alugada em Jacarepaguá, num lugarejo chamado Boiúna, para manter a atividade da imprensa clandestina nacional da OCML-PO (Organização de Combate Marxista-Leninista – Política Operária). Lembro como se fosse hoje, Victor sentado junto à máquina de escrever manual, portátil, de marca Remington, digitando a sua narrativa somente com os dois dedos indicadores! Ao voltar a estudar na universidade, agora como estudante de Economia na UFRJ, sua atenção sobre o esboço ficou relegada ao segundo plano. A narrativa ficou guardada durante muito tempo. De vez em quando, via-o acrescentando alguma coisa. Descobri que Victor a havia terminado somente após o seu falecimento. Acredito que sua intenção era ter digitado para ter como concluída e dizer: “Está pronto, gostaria de dar uma lida?”. Trata-se de uma narrativa que poderíamos qualificá-la como a antessala de O LABIRINTO, pois nela são narradas lembranças de sua adolescência e do início da juventude, quando migra para Salvador para dar continuidade aos seus estudos. Retrata a sociedade de Riachinhos da década de 50-60 (Victor denominou de Riachinhos a cidade de Alagoinhas/BA porque nos encontrávamos na clandestinidade), ao sabor dos aconte-

cimentos nacionais e municipais, onde narra fatos como o suicídio de Getúlio Vargas, as eleições municipais, a descoberta de petróleo – e com ela a chegada dos petroleiros –, a construção de Brasília, a greve dos petroleiros, os fatos da cidade no período antes do golpe, o golpe e a vinda de Victor para Salvador. Apresenta passagens engraçadas e pitorescas, afeitas a um bom observador, que consegue relatar com graça cenas que para muitos pareceriam corriqueiras.

Na crônica IMAGENS, Victor reúne a sua visão crítica sobre a falência das oligarquias rurais brasileiras com as boas lembranças da infância, quando passava férias junto com seus irmãos na fazenda de seus avós maternos. Embrenha-se na atmosfera da decadência rural e, quando parece não haver perspectiva, entra em cena a sua marca registrada: a de apresentar algo novo nas situações de impasses. Novamente nos apresenta imagens fortes, destacando-se, aí também, a força das palavras de seu estilo narrativo, transportando-nos à própria atmosfera narrada. Esta crônica obteve o quarto lugar no concurso literário realizado pela FENAB, em 1982.

A Parte III contém os textos “FRÁGUA INOVADORA: O Tormentoso Percurso da POLOP”; “PARIS” e “UM OLHAR SOBRE CUBA”.

O primeiro foi escrito por Victor nos anos 90 e aborda a trajetória da POLOP: seu nascimento, sua juventude, seu envelhecimento e o seu fim, sob um enfoque objetivo, crítico e leve. Decidi incluí-lo por constituir o pano de fundo de O LABIRINTO.

O texto PARIS, na realidade uma carta, foi escrita quando ainda estávamos na França, em Saint-Mandé, a pedido do nosso amigo Eduardo Stotz, ex-companheiro de militância, que pediu a Victor que registrasse as suas impres-

sões sobre Paris. Aqui também a sua sensibilidade aguçada se destaca. Ao falar sobre Paris, procura com ânsia vestígios da Revolução Francesa, de seus ideais revolucionários por toda parte da cidade. Procurou em vão os signos do *Liberté, Egalité, Fraternité*.

Em UM OLHAR SOBRE CUBA – escrito em julho de 1998, após nosso retorno de Cuba, onde participamos do II Taller de Ciências Políticas – Victor lança seu olhar arguto sobre a sociedade cubana, a qual passava, então, um período especial, extremamente duro, em face da queda do bloco socialista. Sua análise procura esclarecer o enigma cubano.

Na Parte FINAL, incluí três registros que traçam aspectos distintos da vida de Victor, os quais permitem ao leitor conhecer um pouco mais sobre o autor.

O primeiro, “MILITÂNCIA POLÍTICA DE VICTOR MEYER”, traz uma breve biografia de Victor extraída e adaptada da petição que havia feito para instruir o seu processo junto ao Ministério da Justiça – Anistia. Além de traçar a sua militância política, com base nos documentos confidenciais que se referem a ele, os quais a Ditadura Militar manteve em sigilo durante muito tempo, agora disponíveis no Arquivo Público do Paraná e de São Paulo.

O segundo, “UMA BREVE RETROSPECTIVA DA VIDA DE VICTOR”, escrito por seu irmão mais velho, Antônio Fernando Meyer Nascimento, na ocasião da cerimônia de despedida de Victor, traça com carinho a sua personalidade e a sua trajetória de vida.

O terceiro, CARTA AO AMIGO, escrita por Rogério Cunha de Campos, amigo de infância e companheiro de longa data. Um testemunho cabal da amizade e do respeito que

construíram e mantiveram durante décadas e décadas, apesar das divergências políticas. Não tenho dúvidas de que outros ex-companheiros gostariam de ter deixado aqui as suas impressões sobre Victor.

Ao final, algumas fotos.

Eliza Tiekko Yonezo

Parte I

O LABIRINTO

ENCONTROS CLANDESTINOS

ENTRE A VIDA E A MORTE

Mire e veja. Isto não é o de relatar passagens de sua vida, em toda admiração. Conto o que fui e vi, no levantar do dia. Auroras.

(Guimarães Rosa)

A esta hora da noite, já no limiar da madrugada, gosto de ficar sozinho porque as ideias surgem maduras. O dia vai destilando pensamentos e represando-os num canto, para soltá-los nas horas escuras e quietas. Abrem-se comportas, os pensamentos percorrem longos e tortuosos corredores. Sempre gostei de parar junto a esta janela, depois de perambular em estágios tardios da noite pelas ruas do Centro de Salvador. Mas hoje há algo de novo, estou certo de que lá fora campeiam as forças da morte. Eu não devia estar aqui, neste apartamento tão frequentado, na velha Avenida Sete. Aqui estou vulnerável. Pelas ruas vizinhas, aproximando-se do Convento das Mercês ou, quem sabe, já no portão de ferro do Edifício, o perigo pode talvez estar avançando, pressinto-o abstratamente, uma força invisível e sem rosto subindo em espiral pela escadaria. Aqui, estou cometendo uma temeridade. Amanhã viajarei para o interior, ficarei na casa dos meus velhos sem que ninguém saiba, ficarei fechado, acertarei um esquema de segurança. Certo que a casa da família é um lugar precário, mas afinal o risco ainda não está comprovado. Sim, amanhã tomarei o ônibus, percorrerei a velha estrada até Riachinhos, olharei com olhos tensos as matas e os poços de petróleo desses lugares tão conhecidos e chegarei na cidade em horas mortas. Olho através da janela do ônibus e vejo fragmentos dos últimos anos. Já corre o final de 1971 e parecem muito distantes os tempos do Diretório Acadêmico e dos grandes acontecimentos de rua, nos idos de 1968.

Pela janela do ônibus, vejo-me chegar a São Paulo numa tarde fria, em começos de 1970, com a tarefa de compor o grupo atuante em Santo André. A luta contra a ditadura não podia ser um fim em si mesmo e de imediato queríamos criar polos proletários nas concentrações industriais. Meu transporte preferido é o trem. Tomado na Estação da Luz, o trem para o ABC avança inexorável em sua austera disciplina, arrastando graves certezas, o barulho da sua marcha ecoa

dentro de mim com claros significados. Na célula de Santo André estarão Luís Carlos e Mara, numa casa radicalmente despojada, naquela rua singular onde parece existir uma neblina permanente. Planejaremos a distribuição do nosso jornal nacional. Que tiragem pequena! (Quando cresceremos? A essa pergunta, abre-se em perspectiva um obscuro corredor de incertezas). Minha transferência para São Paulo parecia definitiva, mas, em sua breve eternidade, estendeu-se por apenas um ano e meio. Em meados de 1971, faço o caminho de volta, retorno a Salvador carregando a expectativa de uma tenaz primavera.

Voltei de São Paulo há apenas três meses e, no entanto, eis-me agora neste ônibus, por cuja janela vejo desfilir o passado recente e as cruas imagens da fuga. Chego, enfim, ao meu destino. Percorro em silêncio o casarão, depois do primeiro salão há um segundo salão, depois do segundo salão há o terceiro salão, atravesso a enorme porta de madeira e vidro e aí há janelas através de cujas frestas posso ver a rua. Avisto o professor Aristeu, nem de longe ele poderia imaginar que estou aqui. Ei-lo passando a poucos palmos dessas frestas, como é interessante essa invulnerabilidade que a janela garante. Novamente os salões, alcanço o quintal. No meio de copudas árvores, protegido pelas espessas folhagens, me vem à mente o Pleno da Organização, em 1969.

Acontecia uma festa de São João quando recebi o recado de que teria de viajar imediatamente, para participar da reunião especial, no Rio Grande do Sul. Arranjei uma desculpa para a família, os meus 20 anos impunham esses cuidados. A primeira escala foi em São Paulo, tremi de frio no percurso até o aparelho de onde sairia o grupo. No pequeno fusca rumo ao Sul, cinco pessoas deveriam revezar-se ao volante. Em Porto Alegre, uma nova troca de carros. Agora tínhamos de viajar de olhos fechados, somente um motorista sabia o nosso destino. Já era noite quando chegamos numa grande casa de

praia. Foi aí que Severino, do grupo baiano, me apresentou ao Velho. – “Muito prazer...” e nada mais me ocorreu acrescentar ao conhecer aquela figura lendária. O Velho olhou-me por um instante, e talvez por ver em meu rosto os sinais ainda recentes da adolescência, limitou-se a sorrir. O coordenador da segurança, sempre mancando, andava por dentro da casa com uma metralhadora, sua presença fazia crescer a tensão do lugar. Zé Paulo coordenava os trabalhos. Logo na abertura, explicou o *álibi* e o plano de fuga, como era praxe nas grandes reuniões.

Isso aconteceu há dois anos, conto nos dedos... Ainda no quintal, deito-me na rede, sob os abacateiros. Vistas da rede, as folhas dos abacateiros formam uma abóboda de renda verde em vários matizes, com o verde-claro vizinho às bordas iluminadas de sol. Distante daqui estão os meus companheiros e com eles discutirei a problemática que passava ao centro das preocupações coletivas, trazendo aos documentos internos uma nova palavra-chave: a *sobrevivência*. Serão cinco anos, acho que toda essa excepcionalidade durará cinco anos, nos quais a *palavra de ordem* será a segurança interna. Para além dos abacateiros, das velhas jaqueiras e do pé de fruta-pão, está a cerca do quintal dos vizinhos. Certifico-me de que a folhagem é suficientemente espessa para me manter oculto. Dentro de dois ou três dias, o meu amigo virá aqui com notícias certas sobre a dimensão dos riscos, e então será possível decidir. – “Você está *aberto*” – disse-me ele. Então preciso viajar imediatamente. Aproveito a última noite para ler um pouco mais de Moby Dick, de Melville (...a *consciência do Capitão Acab* estava presa a dois trilhos de ferro, ele avançava sobre as suas metas sem se afastar um segundo. E nada se alterará se o navio que se aproxima com notícias do *Leviatã* for o Raquel – o Raquel, derrotado, chorando os seus mortos...). Mas chega, enfim, a hora de partir. Minha mãe foi chorar no banheiro. Planejo uma tortuosa manobra de despiste. Pego, ali mesmo

em Riachinhos, um ônibus que vem de Aporá com destino a São Paulo. Lá dentro sinto uma atmosfera fortemente nordestina e, por alguma estranha associação de ideias, essa circunstância me faz sentir absolutamente a salvo. Talvez porque os rostos e as roupas daquelas pessoas nas poltronas, ou as suas alpercatas de couro, me transportassem para a minha infância, na fazenda do meu avô ou nos seus prolongamentos naturais, na feira livre de Riachinhos. Aquelas pessoas traziam consigo o sol, uma claridade de meio-dia, um cavalo equipador e uma fonte de águas quietas sob árvores bem altas, recantos escondidos sob a ramagem emaranhada onde outrora morara uma onça, um chão batido de terra branca e uma velha cancela, tudo isso e mais ainda o sol crepuscular por trás de um grande mandacaru. Aquelas pessoas carregavam os signos mais resistentes da vida. *Aporá... da parte alta das terras do meu avô, no fundo da casa secular, avistava-se uma montanha de formato simétrico, num horizonte distante, e meu tio apontava: – “está vendo? lá é a serra de Aporá”...* Um vento quente entra pelas janelas do ônibus, uma sensação de alívio toma conta de tudo. É bom correr por essas estradas. Passo por São Paulo, mas o meu destino já havia sido fixado pela Organização: Belo Horizonte. Em São Paulo encontro Luís Carlos e Sílvia. Demoro a reconhecê-la, quando a vejo surgir no quarteirão. Sílvia apresenta-se com uma peruca branca, está sendo intensamente procurada pela repressão.

Relembro o longo período em que Sílvia e eu fomos designados para montar um aparelho em São Paulo. Éramos tia e sobrinho. Sílvia era uma das poucas pessoas em nosso meio ainda ocupada em atividades legais. Curiosa atividade: professora de filosofia num seminário de padres. Sílvia esmerava os pratos ao forno, transformava os restos de comida em originais variações ao queijo. Sua familiaridade com a língua portuguesa não conseguia esconder um óbvio sotaque estrangeiro. Apesar disso, seu campo de atividades era amplo, o que não

deixava de conflitar com as normas de segurança, que determinavam cuidados especiais para quem possuísse qualquer sinal especial capaz de eventualmente facilitar o trabalho da repressão. Sílvia ascendeu rapidamente dentro do nosso grupo, alçada ao círculo seletivo dos intelectuais. Muito afinada com as novidades parisienses, citava Althusser contra os *heterodoxos*. Essa palavra eu aprendi com ela. Então Lukács era um *heterodoxo*? Eu acabara de ler o livretinho "Lênin, a Coerência do seu Pensamento", datado talvez de 1924, havia apreciado a clareza das suas teses e agora tentava entender por que seria uma obra *heterodoxa*. Muitos dos meus velhos autores eram bombardeados por essa palavra nova para mim, que Sílvia pronunciava com sotaque estrangeiro. Gramsci, outro *heterodoxo*? Com um livro francês da editora François Maspero, dando voltas em seu quarto-escritório, Sílvia me explicava o que seria o "todo com dominante". A partir de certo momento, desisti de tentar entender e mantive uma indiferença não declarada frente às novidades teóricas de Sílvia; atitude relativamente temerária, pois aos seus olhos eu assumia uma postura ideologicamente suspeita. Para o nosso aparelho depois viria Raul. Conhecera Raul ainda em Salvador, anos atrás, eu recém-chegado a esse nosso mundo. A reunião era supersecreta e Margarida me cochichou: - "Está vendo esse aí? É Raul. É o papa" ... O papa? Olhei em silêncio para aquela figura franzina, reparei que tinha espessa cabeleira nos braços e tratei de prestar atenção no que ele dizia. Muito sério, algo sombrio, falou da importância das finanças. E agora, nesse reencontro, não podia, portanto, deixar de sentir uma certa vaidade em estar morando com ele no aparelho em São Paulo, embora Raul já então aparecesse aos meus olhos com uma outra imagem, a distante reunião baiana esvanecia-se na lembrança. Estranho, passaram-se apenas três anos. Pensei: não foram anos comuns. Entre a reunião em que Margarida o mostrou como o papa e esse nosso convívio no aparelho com Sílvia, mediava nada menos que os anos de 1968 e de 1969. Daí essa sensação de eternidade... Em tardes frias

de inverno, nós três nos enrolávamos em cobertores e Raul lia para nós trechos de Freud, tirados de um livro qualquer em idioma estrangeiro. Eu não entendia nada, somente Sílvia podia ir comentando o que ouvia, aqui e ali. Um dia Raul me acordou para se despedir. Em tom talvez grave, disse-me que levaria a chave da porta com ele, como se frisasse: – “Voltarei”. Mas não voltou. Um prolongado exílio o aguardava.

Passados tanto tempo, eis aí Sílvia, ressurgindo disfarçada de velha senhora, com aquela peruca branca, bizarra. Ao seu lado está Luís Carlos – o velho amigo dos idos de Santo André, do *aparelho* instalado naquela rua mergulhada em neblinas perenes. Nada, naquele momento, fazia supor que Luís Carlos caminharia para a morte e que esse seria nosso último encontro. Prossigo na fuga, devo chegar a Minas. Na Rodoviária de Belo Horizonte, o velho amigo Adolfo me espera. Alugamos um quarto de fundos, a que chamam de barracão, lá no bairro do Anchieta. Menezes, o proprietário, nos fixou longamente. – “Vou alugar a vocês porque sei que são gente boa, tenho psicologia”. No barracão, conversamos em voz baixa. À noite, os pensamentos agora vagueiam sem pressa, mas não são recordações como as de antes. As ramificações das lembranças perdem-se sempre em algum ponto, impossível encadeá-las em toda a sua integridade. Os elos sempre se partem numa zona de silêncio e tudo o que aconteceu parece tornar-se absoluto em sua ruptura com o presente.

Quando a Escola ainda funcionava no velho prédio do Canela, certa tarde... Na sede do Diretório, numa noite de festa... Naquela votação confusa, na Assembleia... Naquela manhã de greve em que a polícia invadiu a Escola...

O tempo passava. Adolfo ganhara de presente uma garrafa de whisky. – “Vamos experimentar como os *cowboys*?” (sempre me liguei às coisas do Velho Oeste). Deitados em

nossas camas, virávamos a garrafa diretamente para a garganta. Num desses dias mineiros, Juliana chega dizendo que havia ocorrido um engano nas informações, que o meu nome não estava *aberto*. Apresso-me em refazer as malas e voltar a Salvador. Já começa o mês de março de 1972, novamente vislumbro uma longa primavera. Volto a caminhar pelas ruas noturnas do velho Centro, lá estão os cinemas de antes, o Tamoió, o Guarani, o Liceu, continuam intactos os meus velhos caminhos das horas calmas, a Avenida Sete, a Praça da Sé. Há um show no Teatro Castro Alves, encontro-me com Marisa, líder secundarista em 1967. Sentamos no gramado do Campo Grande e, enquanto aguardamos, ela canta com um ar displacente: “*Debaixo dos caracóis dos teus cabelos, uma história para contar...*”. Respiro fundo, sinto o cheiro familiar da noite de Salvador, ainda com a brisa quente de um verão declinante. Porém, aquele retorno acabaria em curta temporada, não mais que dois meses. Na saída do Cine Rio Vermelho, Leão me aguarda com seu rosto de menino. – “Começaram as *quedas*”. Àquele aviso sinistro, todas as garantias dos nossos caminhos subitamente desaparecem e um campo aberto de terror invade-me a alma. Eu não poderei dormir em casa. Contudo, é preciso avisar um amigo. Corro ao apartamento de Tosta e Carmem, eles ouvem as informações que eu lhes levo e começam a preparar pacotes com o *material* comprometedor; um silêncio algo espesso e amargo toma conta do simpático apartamento da Av. Joana Angélica, de tantos encontros e histórias. Como demoram com os pacotes... E, no entanto, é preciso avisar um outro amigo, subir a Ladeira de Brotas, chegar ao Engenho Velho. Atende-me a mãe, ela debruça-se sobre o parapeito da janela do primeiro andar, diz com reticências que o filho não está, que viajara... Aquele ar suspeito, a incerta tonalidade da frase “ele viajou”, desencadeiam uma corrente de ar lívida e fria. Novamente aquela força sem rosto podia nos ver, quem sabe beirava a nossa sombra, era preciso olhar para

trás. Dessa vez não há mais margem para equívocos, urge sair da Bahia. Arranjo antes uma forma de marcar com os velhos um encontro de despedida. Um encontro clandestino com os meus pais? Eis aí algo extraordinário... Marcamos no Largo da Graça e, no horário fixado, vejo meu pai aparecer com um olhar estressado. Tudo se passa rapidamente, mas o compasso era especial, aparentemente irreal, como se houvésemos penetrado no interior de um quadro de Salvador Dali. No preciso momento dos abraços e dos beijos, uma sombra carregada de incertezas paira sobre nós e reduz todas as perspectivas a um plano imediato, a linha do horizonte parecia se aproximar opressivamente, aguçando a sensação de que era preciso rompê-la o quanto antes, sair dali para conseguir avistar o futuro. Meus irmãos me levam de carro para Feira de Santana, pois seria impossível passar pela Rodoviária de Salvador. Essa viagem, mais do que tantas outras que havia feito, ganha um forte sentido de fuga definitiva. Durmo um sono pesado e acordo sentindo a falta da minha blusa de frio. Chego à conclusão de que a roubaram enquanto eu dormia, na parada anterior, e este fato me perturba mais do que qualquer outro. De flanela e náilon, face dupla, grossas mangas, como no filme *Romeu e Julieta*, o blusão tinha pertencido ao meu irmão. Mais tarde, reencontro o blusão sobre a poltrona do ônibus e, por isso, consigo chegar ao Rio de Janeiro com a sensação de que os grandes problemas do início da viagem estavam todos resolvidos. O amigo boliviano me espera na esquina da Rio Branco com a Presidente Vargas. Entro no seu carro e fecho os olhos, não posso saber o percurso. O carro gira à esquerda e à direita. Nos primeiros dias, fico no seu apartamento e sou levado, também de olhos fechados, para as refeições na casa da sua mãe. A velha Dolores prolonga os almoços me contando histórias sem fim da sua juventude numa cidade mineira da Bolívia, onde presenciara violentas rebeliões operárias, episódios sangrentos de corpos de mineiros despedaçados pela dinamite,

usada como arma de luta. Não me demoro naquele apartamento: somente duas semanas. Alugo uma vaga em quarto, numa casa de família. Sigo as normas de segurança, presto atenção nas aparências, apresento-me como vestibulando. No quarto, a minha cama e mais duas: Atilio, cabeleireiro, trabalha todos os dias de todas as semanas, até decidir voltar para a sua terra natal, no interior de Minas Gerais, onde dizia estarem vivas as suas perdidas esperanças. Belmiro, algo próximo a um *office-boy*, chama-me para jogar sinuca num bar ao lado do Largo do Machado. Não posso ficar no quarto durante o dia, tenho de andar sem rumo. No Cine Politeama, velho pulgueiro, dois filmes permitem que a tarde passe. Saio do cinema às 18 horas, na hora do *rush*. Espero na calçada o sinal verde para atravessar, o sinal se abre e uma multidão se espria sobre a faixa de pedestres ocupando a rua. Quem diria que ali estava espremida tanta gente assim? Isso me parece extraordinário. Meses se sucedem. Num desses dias, ocorre-me uma sensação curiosa: que, apesar de estar por essas ruas, no coração da cidade, ou nos ônibus e trens habituais, em torno de mim e dos amigos erguem-se paredes invisíveis, abrem-se corredores e bifurcações especiais. Sim, há um labirinto muito seguro, sob a aparente normalidade das ruas e dos quartos de aluguel. Começo a me acostumar com essa ideia e, aos poucos, o labirinto vai ganhando formas, tornando-se aceitável e sólido. Amanhã irei a um encontro com Santana, numa esquina em São Paulo. Os minutos de tolerância fixados pelas *normas de segurança* se passam e Santana não aparece. Pegaram Santana, me disseram depois. A essa notícia, olho em torno: nas ruas claras de um sol de verão, sob o manto da normalidade, de som e movimento, paira uma perigosa e sorrateira força. No meio da multidão, um rosto comum poderia estar envolvendo a rígida armadura da morte. Em horas assim, as rotas intrincadas do labirinto parecem se abrir em algum ponto, numa interseção com as rotas dos inimigos, e toda a rede complexa dos nossos caminhos

torna-se subitamente devassável. É preciso, urgentemente, erguer paredes nesses canais comunicantes. Todos os recantos do labirinto, tão familiares em outros momentos, tornam-se estranhos e ameaçadores.

Demoraria ainda muitos anos até que eu conseguisse rever Santana e ele então me contaria que nada revelou aos inimigos, embora estivesse a um passo da morte. Ao lado do seu leito num hospital plantado no meio de um inferno, o médico que tentava salvá-lo não queria propriamente a sua vida, que lhe escapava já quase irremediavelmente, mas apenas a sua capacidade de falar, para que contasse seus segredos. Durante a agonia, sua consciência se ia e voltava permitindo-lhe ver, ao lado do médico, uma figura fardada, carregada de patentes hierárquicas, que pulava, enfurecido, e gritava a plenos pulmões: – “Este rapaz tem que viver, ele tem que viver para falar o que sabe...”. Santana me contou isso muito depois, num tempo indefinido, nas proximidades de Monte Serrat, numa noite de brisas quentes de Salvador.

Os dias correm lentos. Hoje, antes de entrar em casa, na Rua das Laranjeiras, terei o cuidado de olhar para trás. Do outro lado da rua, estudantes de curso noturno passam falando alto e entram num edifício próximo. Ah, como pude, como pude distrair-me e deixar de olhar para trás? Com a chave já na fechadura, de nada adiantaria, agora, remediar a situação. Se havia alguém observando os meus passos, já sabe onde moro. Assim mesmo olho para trás, a rua se torna comprida e carregada de sombras paradas, uma onda de frio a percorre e passa ao meu lado. Amanhã encontrarei Lina. De aparência frágil, sugerindo vinte e poucos anos, Lina já havia *caído*, passado por torturas – e aí está ela, faz uma semana que chegou. Procurando um quarto barato, inadvertidamente alugou uma vaga numa pensão de prostitutas. O dono do cortiço tem as pernas amputa-

das, vive imobilizado. Costuma atraí-la para longos diálogos à base de fatos imaginários. A um olhar significativo, ele começa: "...Passei ao seu lado, hoje na praia, você nem me cumprimentou...". Definitivo, em sua cadeira permanente, no fundo da sala mal iluminada, o velho conjura fragmentos de vida e com eles vai dedilhando um rosário sem fim de uma trama fictícia. Lina, às vezes, aceita os seus desafios, e as conversas se prolongam nos campos da imaginação. Num desses dias, Lina chega aflita. Localizaram o seu paradeiro, já vigiam o pardieiro. Então vamos morar juntos, nos apresentaremos como casados, alugaremos um quarto. Esse quarto, na Rua São Francisco Xavier, é muito bom. Daqui se ouve o clamor das torcidas nos dias de jogo no Maracanã, aquele vozerio nos chegando como uma avassaladora lembrança da alegria. No fundo do pequeno edifício costuma haver cerimônias de umbanda. Estranho mundo, aquele: tarde da noite, chamas vermelhas tornam os rostos no terreiro algo irrealis. Um homem vestido de branco, quem sabe o sacerdote, emite ruídos cavos, pessoas em fila se aproximam para que ele as toque nas testas. Lina partiu para São Paulo e eu fui morar num quarto no bairro de Santa Teresa. No novo quarto há um janelão de vidro e lá embaixo se avista uma boa parte da cidade do Rio de Janeiro. Deitado na minha cama, o aeroporto do Galeão fica bem na altura do meu dedão. Há sempre um avião pousando ou decolando, e passando ao lado do meu dedão. Há matas verdejantes nessas encostas, mas nem sempre com a sua harmonia primitiva. Nas escarpas abaixo do edifício onde estou, hoje há policiais perseguindo assaltantes. Helicópteros mobilizados e tropas a pé pontilham na mata e, em pontos esparsos, emergem nuvens espessas de bombas de gás lacrimogêneo. À noite, sonho com o meu pai.

Ele estava sozinho num quarto vazio, mas era um quarto desconhecido. E havia um silêncio pairando, intenso, enquanto meu pai, em pé, isolado no meio do quarto, começou

a balançar. Seu corpo vergava para frente e para trás, ia cair. – “Eu já vou ajudá-lo”, disse com uma voz carregada de urgência. Acordei sentindo ainda o silêncio que envolvia a cena.

Lina passou rapidamente pela cidade, a caminho do exterior; viajava às promissoras terras chilenas, onde iria rever seu marido, Luís Carlos, o mesmo da antiga *célula* de Santo André e que se refugiara no Chile. Há pouco Luís Carlos me mandara de lá uma carta microfilmada, dizia imaginar um *oásis* onde pudesse descansar e ter filhos. Aquela maneira de falar, pouco usual na linguagem de bronze a que nos acostumáramos, pareceu-me dissonante. Um dia percebo, com pesar, que havia perdido as preciosas fotos com a sua carta. Então, Lina, fugindo do terror, chega ao Chile e reencontra Luís Carlos, mas logo a cena se reverte, como num pesadelo. De repente, os chãos daquele mundo, aparentemente tão seguros, tornam-se movediços, o campo da morte se faz simultâneo e geral.

Num dia de fumaça, metralha e caos, alguns sobreviventes viram e depois contam: mandaram que Luís Carlos corresse e o fuzilaram pelas costas.

Viajo para São Paulo, tenho um *ponto* com Gustavo. Quando desço do ônibus, estranho ver Marinho e Carla no local do desembarque, como se me esperassem ali. Avisam-me que Gustavo havia *caído*. Então é preciso voltar ao Rio e avisar Lobo. Tratando-se de uma emergência imposta pelas circunstâncias, Marinho me passa o endereço de Lobo. Volto ao Rio, imediatamente. Lobo olha-me surpreso e, naturalmente, percebe que sou mensageiro de desgraças. Faço um relato das *quedas*, ele começa a arrumar o *material* que tinha em casa. Volta-me à mente a cena com Tosta e Carmem, naquela distante noite na Bahia. Como Lobo demora nas arrumações! Enquanto o aguardo, meu pensamento atravessa as paredes e olha os corredores do edifício. Estão mergulhados num silên-

cio cheio de avisos de morte e os ares como que se enchem de lâminas cortantes. Saberíamos, depois, que, àquela altura, o endereço de Lobo já tinha sido *aberto*. Escapamos por sorte. Fui dormir cansado. Ah, não restam dúvidas, estão batendo na minha porta. Fujo pelos fundos, pulo o muro, ganho a rua. Mas aí vêm eles. Entro na galeria (será a de Copacabana?), do outro lado há árvores que nunca tinha visto, tenho que voar sobre elas, voarei pelos espaços... (finalmente acordei!). Outros dias passam. Mantém-se, entre nós, a convicção de que, cedo ou tarde, as paredes do labirinto se tornarão desnecessárias e ruirão. Mas isso se dará num tempo ainda remoto, num ponto de luz que a inteligência anuncia, mas o sentimento se encarrega de envolver em névoas, resultando daí a projeção dessa expectativa sobre um ponto difuso no infinito. Andando no Largo da Carioca, vejo no céu um avião. Quem sabe vai para outros mundos, e com vergonha me surpreendo invejando os passageiros lá de cima, logo mais desembarcando em lugares absolutamente a salvo dos inimigos daqui. Volto à realidade, recomponho-me. Tenho consciência de que as paredes do labirinto se fazem altas e espessas, duradouras e compulsórias. E o tempo continua. Já me parece difícil, então, recordar o meu mundo de antes. Os amigos amadurecem, criam raízes nesses caminhos sinuosos e múltiplos, constroem verdades inerentes a esse mundo interior. Recebo a notícia de que o meu irmão virá até aqui. Vou esperá-lo na Rodoviária e vejo-o aparecer com um rosto completamente novo. Tanta mudança (quem sabe também em mim) que os primeiros minutos do reencontro são marcados por um inesperado constrangimento, como se fôssemos dois estranhos. Quantos anos se passaram? Meu irmão já não era um menino, como antes. Essa descoberta dos anos passados não podia ser uma surpresa, visto que o tempo nós o medíamos pacientemente. Mas aquelas evidências físicas, tão visíveis, parecem-me alarmantes e absurdas. No decorrer das conversas, meu ir-

mão me diz que por lá se comentava a morte de Antônio e de sua mulher, Diva, ambos de um grupo (quem sabe de um outro labirinto), diferente do nosso. Antônio e Diva haviam sido meus colegas; ele eu conhecia desde a infância, nos veraneios. Então mataram os dois? Naquele universo paralelo em que vivíamos, havíamos reelaborado o significado das palavras, especialmente as que carregavam um sentido adverso. Mesmo assim, é difícil dizer que “Antônio está morto”, sem que a frase deixe no ar uma margem de insuficiência quanto ao seu próprio significado, como se os vocábulos recolhessem uma parte de si em região de obscuridade. Novos dias e meses: mudo-me para a Rua Real Grandeza. O apartamento pequeno da argentina Marilene comporta um número ilimitado de pessoas. Uma enorme família ocupa um quarto, cinco rapazes dividem o segundo quarto, a velha e o filho ocupam a sala. Eu alugo o quatinho de empregada. Apesar de tão lotado, a velha Marilene diz ouvir regularmente passos de almas do outro mundo durante a noite, ela menciona uma multidão de vultos peregrinando em fila pelos aposentos, arrastando pesadas correntes. E o tempo, e o tempo... (*...e o mundo foi rodando, nas patas do meu cavalo...*). Em São Paulo, vou encontrar-me com Batista (estranho codinome para uma mulher tão bela) para obter documentos falsos. É talvez o momento mais severo das perseguições. Encontro-a num bar, ali mesmo preencho alguns formulários que ela me passa. Batista me diz: – “Entre no banheiro, molhe o dedo na “carimbeira” e deixe sua impressão digital nesse documento”. Espanto-me com aquele toque de improvisação numa atividade tão especializada. Batista levanta-se da sua cadeira no bar, suponho que vai pegar a carimbeira em algum local. Mas ela, imperturbável, abre a enorme capa de frio com que se veste nesta manhã gelada de São Paulo, e eu entrevejo nos seus bolsos internos a parafernália da falsificação. Muitos amigos estão sendo salvos pelas mãos de Batista. Sua participação nesse

esquema arqui-secreto, sempre mencionado sob o código de “medicina”, é intensa. Batista prepara os documentos, os carimbos, acompanha as etapas mais delicadas da operação e, além disso, encaminha os amigos mais duramente perseguidos para além das fronteiras blindadas do reino do terror, indicando-lhes as brechas por onde escapar. Ocorre-me que esta cena, aqui neste barzinho gelado, poderia ser pintada e de algum modo preservada para a posteridade.

Voltando no tempo, se me fosse dado filmar o passado eu pediria: repita a cena Batista, abra o seu casacão (e deixe que um feixe de luz revele o brilho oculto da sua coragem). Novamente, Batista, abra o casaco (e mostre como você salva as vidas). Revendo sua pele de veludo, sua juventude radiosa, como naquele dia, eu pediria: repita a cena mais uma vez, Batista, mantenha seu sorriso aberto e escancare o seu casacão (e comprove como é possível desafiar o horror).

Continuo, retomo os caminhos habituais, percorridos há anos no centro do Rio de Janeiro. A sensação de estar num labirinto, nesse momento, já não se limita à ideia de uma dimensão espacial, com variedade de trilhas e múltiplas ramificações: agora acresce a dimensão do tempo, que se foi agregando com o passar dos anos. Enquanto avanço, posso dirigir os meus passos para o passado ou para o futuro do passado, do mesmo modo que posso me deslocar nesses espaços sombrios, conforme queira o meu pensamento.

Eis-me anos atrás, quando a tensão da atmosfera atingira o ápice e as paredes do labirinto estavam no auge da sua fria dureza. O ar que se respirava era pesado como vapores oleosos. Estava em São Paulo, numa noite de chuva, rodeando o quarteirão da loja Mappin. Seria o meu segundo encontro com Aurora. Por que não a vi? Muitos anos depois ela me diria que passou ao meu lado, olhou-me nos olhos e deduziu que devia existir algum problema de segurança, pois

eu me mantive impassível. Um simples acaso num quarteirão de muitos transeuntes e Aurora desapareceria por muitos anos dos meus horizontes, mergulhando numa dessas bifurcações sem retorno nas profundezas do labirinto. Naquele momento, no ponto da loja Mappin, Aurora é a distribuidora, leva o material aos representantes de cada unidade da Organização. Depois, ela amarraria um lenço na cabeça e se transformaria numa operária, trabalhando em grandes metalúrgicas da Zona Sul de São Paulo. Essa parte da sua história eu somente conheceria muito tempo depois. Assim como foi depois que iria saber da noite agônica que ela passara, tentando limpar um aparelho enquanto os inimigos já rondavam as proximidades. Aurora, Clóvis e Gustavo tentavam destruir provas existentes no aparelho onde moravam com Bete, recém-caída nas mãos dos perseguidores. Aurora escaparia, mas os outros não teriam a mesma sorte, terminariam aquela mesma noite num porão com cheiro de sangue, onde os dias e as noites se misturavam, e em que os urros de dor se alternavam com os assédios diplomáticos do grotesco psicólogo que dizia fumar o *charuto da verdade*, num cubículo apertado, jurando que as suas espessas fumaças provocariam um jorro de confissões. Aurora se tornaria, então, uma operária, ocupando a função de *reguladora de relês e operadora da torre* e acompanharia a vida social operária, mas teria de mudar de endereço infinitas vezes, apagando e reapagando seus rastros na areia das suas trilhas.

Ah, que a dimensão do tempo permita transportar-me para anos depois, quando, na Rodoviária do Rio de Janeiro, vou esperar Aurora. Havíamos recebido a tarefa de *montar o aparelho* de imprensa da Organização. Minha calça de veludo preto era italiana, minha blusa de frio em volta ao pescoço era dinamarquesa, ambas ganhas da rede de colaboradores. Aurora aparece na Rodoviária com o lenço amarrado na cabeça, resquício de sua longa passagem pelas fábricas paulistas. Carrega consigo os seus poucos e inseparáveis bens: algumas roupas,

também doadas pelo sistema da solidariedade, um capote de lã que realça seu rosto redondo e a faz parecer uma camponesa quirguiz, e algumas painéis de estimação, por isso lembrando Cabiria, das noites de Fellini. Aurora está chegando ao Rio de Janeiro nos feriados do começo de novembro, nesse agitado ano de 1975. Em um dia qualquer de dezembro decidimos que nos juntaremos, e o faremos já, sem aguardar a montagem do *aparrelho* da imprensa. Vamos morar num velho pardieiro da Tijuca e, dois meses depois, já fazemos a primeira mudança. Aurora encarrega-se da nova moradia. Nossa bagagem cabe num carrinho de mão, um homem já idoso carrega nossos bens naquele curioso meio de transporte. No Estácio, num velho cortiço, subimos a primeira escada de madeira, depois a segunda, passamos por um corredor em eterna penumbra e atingimos a porta principal, guarnecida por um feitiço em vaso de barro, recheado de sangue (é preciso cuidado para não pisar). Atravessamos uma cozinha onde pontifica uma mulher de nome Serpente, com enorme cicatriz no rosto, depois alcançamos um pátio superior, sobre a laje de cobertura, onde ainda temos de nos desviar de uma enorme cadela, até chegarmos a um barraco, misto de alvenaria e madeira, fechado a cadeado, contendo em seu interior uma cama de casal e uma cômoda. O cenário não nos parece de todo mal. Aurora tinha o poder de enfrentar as mais diversas circunstâncias sem alterar o seu ânimo, com os seus olhos inquietos projetando e realizando mudanças, fazendo os lugares mais adversos ganharem uma dimensão de humanidade (...*passas vibrando como abelha, tocando as regiões perdidas pela sombra, conquistando a luz com tua branca energia...*¹). Esse quarto sobre o telhado do pardieiro de *Madame Gorete* não seria uma exceção; Aurora não cessa de arquitetar modificações: – “Faremos isso e aquilo, não vai ficar bom?” – Em poucos dias, o interior do barraco vai perdendo o seu aspecto inicial e até consegue adquirir um certo tom acolhedor... Contu-

¹ Pablo Neruda.

do, nossa temporada dentro dele é curtíssima: uma tempestade de abril carrega nosso barraco pelos ares. Com isso, precisamos antecipar o aluguel da casa onde teremos a tarefa de manter a imprensa. Um mundo novo se esboça, vagamente. Os dois anos anteriores trouxeram presságios nesse sentido. Em 1974 me desfizera dos documentos falsos, recuperara minha identidade; em 1975 reencontrara Aurora. No começo desse ano, 1976, um outro vestibular me fez voltar a ser estudante. Assim respaldado, o fim do nosso barraco do Estácio acelera a montagem do *aparelho* da imprensa: encorajo-me a comparecer à imobiliária que anuncia o aluguel de uma casa em Jacarepaguá, mais precisamente no Vale do Boiúna, e me candidato, embora sem qualquer comprovação de renda. – “Recebo dinheiro dos meus pais” – limito-me a declarar. Que fatores teriam ajudado? Um jovem advogado, aparentando ser recém-formado, me diz: – “Vamos confiar em você e ver no que dá”. (A Organização jamais permitiu que o aluguel atrasasse, logo nos tornaríamos clientes preferenciais da *Administração de Bens Ltda.*). Por esses ínvios caminhos, comemoramos o recebimento das chaves da nossa casa no Vale do Boiúna e, enfim, iniciamos a montagem da imprensa. Eis-nos a caminho da nova casa: a Estrada Grajaú-Jacarepaguá inicia a escalada, sobe e depois desce rodopiando, cercada por uma mata espessa. Nas ruas largas de Jacarepaguá, os caminhos podem passar pela Estrada do Rio Grande, pelos Largos do Tanque, do Pechincha, da Freguesia, mas o nosso destino é o Largo da Taquara. Ali esperamos o ônibus 761, rumo à Estrada do Boiúna, nas últimas fronteiras de Jacarepaguá, nos limites dos mundos urbano e rural e, num recanto cercado de morros verdes e árvores altas, quem poderia imaginar que surgiria aquele improvável conjunto residencial e, nele, a nossa casa, a de número 64? As árvores, os morros, bois e cavalos, a casa secreta, nova, singela. Ali crescerá a roseira de Aurora nas grades da janela da frente, e as noites serão de muitas estrelas. No inverno que já se aproxima, descubro

o cheiro matutino de Aurora – e isso será a minha perdição na faculdade onde acabo de ingressar. Impossível levantar da cama nos horários madrugadores que o Vale do Boiúna exige. Vou me tornando um dos piores alunos, mas em compensação respiro, toda as manhãs, a mais pura Aurora.

*Anos depois, quando finalmente nos despedimos da-quele **aparelho** de tantas histórias, Aurora já carregava no ventre o embrião da nossa primeira filha e aquele envelhecido labirinto parecia viver seus momentos terminais. Que força é essa que sai da memória daqueles anos, dos ares silvestres do **aparelho** do Boiúna? Quando lhe demos adeus, por que bateu tão forte algo próximo a um silencioso lamento? (... esse adeus estremece a minha vida...²).*

No Vale do Boiúna, janelas fechadas, grossas placas de isopor, uma tecnologia criada e aperfeiçoada por Aurora para abafar o som do mimeógrafo, discos dos Beatles e de Jimmy Hendrix complementam a técnica de despistamento. Eu ajudo, Aurora faz brotar das fornadas os documentos, os boletins, as circulares internas, os jornais ilustrados com capas criadas em estêncil eletrônico. O mimeógrafo, que também tem um codinome, chama-se Odete, quebra regularmente, no entanto Aurora o examina, ausculta-o profundamente, opera milagres. (Quanto textos teriam saído dali, ao longo dos anos em que funcionou a imprensa?). Um problema imprevisto é o do lixo do *material*. Impossível jogá-lo fora sem abrir riscos. O lixo cresce, torna-se absurdo, já ocupa grande parte de um quarto. Enquanto isso, o mundo exterior se agita. Fernando e sua esposa Miriam, grávida, vêm morar conosco durante algumas semanas, até que se aplaquem os riscos de segurança que pairam sobre o casal.

² Cecília Meireles.

Volto no tempo. A alguns dias do encontro frustrado com Aurora, aquele do quarteirão da loja Mappin, nos confins de 1971, realizou-se uma grande reunião coletiva. Entro no esquema de preparação, mil cuidados serão repassados: pessoas, carros, álibis, viagens, longas reuniões, até concluirmos o secretíssimo aparato. Será nas proximidades de Nova Friburgo. Sobe-se a Serra, abandona-se a estrada principal, adentra-se numa estrada de barro cheia de curvas e de árvores centenárias, atravessam-se os portões da imensa casa alugada. Esses salões, esses taboados densos de tantos ecos, esse leve cheiro de mofo, tudo me evoca locais perdidos na memória. A casa da minha infância, a fazenda do meu avô, o casarão silencioso da irmã do meu avô, as histórias da minha bisavó... A reunião prossegue em sessões, no último dia entramos pela noite, varamos a madrugada. Do lugar onde estou, junto à comprida mesa onde se desenvolvem os trabalhos, vejo o dia nascer em meio às nuvens da serra e me chega o sentimento de estar presenciando um evento histórico. Com o tempo aprenderia essa outra característica do mundo do labirinto, a de transmutar a aparência das coisas, num jogo de falsas aparências. Não passariam muitos anos e tudo o que se tratou naquela reunião estaria já aniquilado, perdido na zona do esquecimento. O que se discutiu? Já não me lembro. Mas ficou a imagem daquela alvorada e do sentimento de intensa solidariedade que me ligava aos demais presentes (*esses sentimentos, quando renascerão?*)... Meu pensamento, novamente percorrendo aqueles mesmos tempos, leva-me à casa de Batista e Eduardo, o ano ainda é o de 1971. Esse é o único endereço que conheço (logo mais as normas se fariam mais duras e nenhum endereço se permitiria conhecer). Deito no tapete da sala e ouço *Carmina Burana*. A música carrega meu pensamento para Salvador, talvez em 1968, certamente antes dos tempos de fuga, quando ouvi *Carmina Burana* pela primeira vez, no Teatro Castro Alves. Permito-me saltar no tempo. Agora no Rio de Janeiro, o cerco em torno de nós muito mais apertado, ouço Batista me contar sobre a queda do seu companheiro. Para se

certificar de que havia *caído*, foi antes preciso percorrer hospitais e necrotérios de São Paulo. No meio da noite, Batista desceu a câmaras refrigeradas onde jaziam cadáveres, abrindo gavetas com mortos e repetindo as tentativas até o cansaço, até convencer-se de que Eduardo *caíra*, na onda de catástrofes que a tantos arrastou de uma só vez. Depois se saberia que, num porão de lenta agonia, ele quis forçar um desfecho, tentando cortar a própria vida. Mas Eduardo sobreviveu. Um dia o reencontro. (Perdi-me no tempo: quando teria sido?) Vejo-o despontar no quarteirão onde marcamos o *ponto*, com o mesmo sorriso crítico, com o mesmo hábito de falar alisando a barba. Eduardo é inventivo, concebe novas maneiras de se fazerem os jornais, cria alternativas técnicas, inova soluções... Devo fixar-me com clareza no tempo: retorno mais uma vez a São Paulo, 1970. Sílvia, que no futuro se despediria disfarçada com uma peruca branca, acerta um *álibi* para alugar comigo um novo *aparelho*. A casa era um sobradinho na zona oeste de São Paulo. Numa noite, talvez já no começo da madrugada, vamos fazer um reconhecimento da área industrial do bairro da Lapa, onde deveríamos distribuir pequenos panfletos, *os mosquitos*; provavelmente seriam presos por arames nas cercas ou nos portões das fábricas - *os ganchos*. Andamos. Sílvia e eu de braços dados, como um casal à antiga, Pedro, um jovem secundarista refugiado, de Curitiba, nos acompanhando, caminhamos longamente por aquelas ruas desertas, jamais frequentadas àquelas horas quietas. Desfilamos solitários, estranhos personagens de um quadro sem sentido, enquanto arquitetávamos possibilidades para as futuras panfletagens. Soprava um vento gelado e os nossos passos geravam ecos temerários junto às compactas e altas paredes das fábricas, tão próximas e ao mesmo tempo tão distantes de nós (*inalcançáveis, irremediavelmente inalcançáveis*). A projetada panfletagem jamais se realizou. Muito tempo depois me chega a notícia de que Sílvia havia conseguido ultrapassar a fronteira para o exterior, possivelmente conduzida pelas mãos astuciosas de Batista, desaparecendo para sempre do labirinto.

No *aparelho* do Vale do Boiúna, intensificam-se as nossas atividades. É 1977, a movimentação dos estudantes cresce, e com ela a solicitação de trabalho para a imprensa. A influência da Organização também cresce (embora fosse depois fenecer, quase sem deixar vestígios). Logo a nossa rotina vai mudar: uma nova diretriz de segurança, a da *dupla moradia*, leva-nos a ter uma segunda casa, para onde é preciso transportar toda a imprensa. Preservamos a casa do Boiúna, mas o *aparelho* vamos instalá-lo na periferia de Campo Grande, num distante bairro semirrural. Pode-se chegar lá tomando-se o ônibus para Campo Grande via São Conrado, seguindo-se um longo percurso ao lado do mar. Atravessa-se um morro, descortina-se um vale imenso. São longos campos inabitados e pantanosos, no entanto cheios de misteriosa beleza. Podem parecer os vastos pântanos dos Baskerville, algures escondendo algum cão mortífero; mas eu e Aurora os vemos com outros olhos, batizamos aquelas vastidões de *Vale do Amor e da Juventude*. O percurso, no entanto, pode ser outro: saindo-se do Boiúna, toma-se a Estrada do Catonho – deserta e ameaçadora quando em alta noite – e por ela se chega à árida Avenida Santa Cruz, em cujo umbral toda poesia desaparece. Passa-se por Bangu e por Padre Miguel, até que os ares de Campo Grande despontem, lá bem longe. O bairro da nossa segunda moradia, às margens da Estrada da Cachamorra, nasceu de um antigo loteamento dos pracinhas, os nomes das ruas são uma homenagem aos soldados mortos na Itália. A locação foi bem simples: marcamos com o proprietário, *seu* Antônio Delis, para conhecer a casa e, numa tarde nublada, chegamos pela primeira vez naquela construção ampla, com um pequeno quintal de árvores frutíferas, cercada de um ambiente bucólico. Enquanto conversamos, procuro no olhar do velho Delis, ele próprio um ex-pracinha, alguma chama evocativa da Guerra, mas apenas julgo ter percebido uma expressão de pureza ingênua que parece fragilizá-lo. Percorremos os cômodos; do alto da varanda dos fundos avisto Aurora ao lado de uma das plantas

floridas, ela está no meio do pequeno quintal, mas me parece muito distante de mim – e a quietude do ambiente projeta no ar algo de íntimo e melancólico, como numa página de um romance antigo. Com a *dupla moradia*, faz-se necessário revezar as dormidas em cada endereço, alternando os dias. A depender das circunstâncias, nosso percurso, quase sempre noturno, de Jacarepaguá a Campo Grande, pode ser o da Estrada de Santa Cruz ou o do *Vale do Amor e da Juventude*, eu e Aurora num velho *fusca 68*, abrindo caminho em meio aos silenciosos desertos de miasmas do pós-meia-noite. O lixo da imprensa, transportado para o novo *aparelho* de Campo Grande, continua crescendo na nova casa até ocupar um quarto inteiro, do chão ao teto. A criatividade de Aurora experimentou de tudo: soda cáustica para destruir os papéis; uma churrasqueira com tela superior, para evitar que cinzas comprometedoras voassem pelos ares. Meses se passaram até conseguirmos cumprir a tarefa de destruir o lixo, completando mais de uma dúzia de gigantescas sacas de cinza socada. Jogamos as sacas pelas gretas do *Vale do Amor e da Juventude*, do qual nos despedimos com um misto de pesar e de alívio no final de 1978, quando do ABC paulista soava algo novo e o labirinto vergava em suas bases.

Muitos anos depois, eu contaria tudo isso ao Velho. Ele me ouviu calado e depois, com um leve movimento no canto dos lábios esboçou um sorriso e disse: – “É assim que a gente nota quanto tempo da nossa vida é perdido...”. Nenhum de nós era como o Velho. Ele tinha essa capacidade de entender como as coisas podem ao mesmo tempo representar vida e morte. O Velho chegou de um longo exílio quando o labirinto já estava parcialmente desmoronado e trazia com ele a memória de outros tempos, que se perdiam pelas entranhas do mundo no percurso do século XX. Enfim, eu me tornava amigo pessoal do Velho, doze anos depois daquele momento fugaz,

no Pleno do Rio Grande do Sul, em que pudera apenas apertar-lhe a mão e dizer: “Muito prazer”.

Ah, é noite, agora recuo no tempo e retorno aos primórdios da vida no labirinto. Eu e Gustavo estamos perdidos na Zona Leste de São Paulo, sem encontrar os rumos que nos levarão ao ABC, onde amigos nos aguardam com os panfletos de denúncia do assassinato do operário Olavo Hansen. Eu, no volante, percebo tarde demais os faróis de outro carro já em cima de nós, nem sinto o choque da batida, apenas o caos do carro rodopiando e dando cambalhotas entre as colunas do viaduto. A minha consciência concentra-se em aguardar o golpe decisivo que acabará comigo, mas o carro enfim para, saio não sei por onde, vejo o carro de rodas para cima, Gustavo reaparecendo de algum ponto, nenhum de nós machucado. Muita gente se aproxima, um senhor idoso me entrega um pacote de panfletos já abertos e só então me dou conta de que os panfletos estão no chão, por todos os lados, misturados com a gasolina que derrama celeremente. Gustavo e eu decidimos fugir, corremos sem que nenhuma das pessoas ali reunidas estranhe a nossa atitude. Parecem compreender que o nosso gesto faz sentido. Corremos em direções opostas. Eu sigo contra o trânsito, faróis em alta velocidade passam ao meu lado, aflui-me uma dúvida aflitiva: como terminará esta noite? Salva-me um táxi, tenho de passar novamente pelo local do acidente, encollo-me, não sou notado por uma multidão já então considerável. Consigo avisar aos demais amigos, eles procurarão e localizarão Luís Carlos, o dono do carro. Não restou a esse companheiro outro recurso senão o da fuga, até aquele dia, anos depois, quando eu, que vinha fugindo de Salvador, encontrei-o junto a Sílvia (de peruca branca), nos abraçamos e nos despedimos para sempre (Luís Carlos, reflexivo, comedido, tombaria antes de ver o oásis que procurava, o da normalidade e dos filhos...).

Desloquemo-nos no tempo: vou ao Castelo para *cobrir um ponto*. São dez e cinco e ainda não vejo o companheiro

com quem devo encontrar-me. Mais cinco minutos e me retiro do quarteirão, acabou a tolerância regulamentar de dez minutos. Meia hora depois é a alternativa, volto ao local. Os encontros mais frequentes são com Vieira, refugiado do Paraná, com Diogo, refugiado de Pernambuco, ou com Breno, refugiado de Minas Gerais. Conversamos enquanto caminhamos a esmo, giramos pelas ruas do Centro, mas poderia ser também pelo Catete, pelo Paissandu, pela Praia de Botafogo, por Copacabana. Quinzenalmente, vejo os estudantes Fernando e Mato Grosso, ambos desenvolvendo, há algum tempo, uma leitura dos *clássicos*. Mas, se o *ponto* é com Lola, o roteiro se torna bem diferente: ela me leva a uma sopa de cebola no Bar Jangadeiro, em Ipanema. Personagem especial, Lola atua no *setor interno*, tem um emprego altamente remunerado e sua contribuição financeira sustenta a maior parte das despesas da Organização carioca. De aspecto insuspeito, idade algo mais à frente que a nossa média, aparenta uma *senhora da sociedade*.

Numa dessas tardes, de auge das atividades da imprensa, encontro-me com Lola para comprar papel em grande quantidade, seria para uma edição da Revista. A compra deveria estar cercada de cuidados de segurança. Escolhemos uma empoeirada gráfica na Lapa, onde o preço é menor. Com os vários milheiros de papel já na saída da gráfica, estocados na calçada, percebemos que o *esquema* está mal planejado. Estamos a uns 300 metros do local combinado, onde outros deverão passar de carro para nos pegar. Ensaíamos levantar aquela pesadíssima carga, mas somos interrompidos por um mendigo embriagado e de aparência espalhafatosa, que se aproxima e insiste em nos ajudar. Não podemos chamar a atenção das demais pessoas numa operação dessa natureza, dizem as normas de segurança. Tentando conter o barulho gerado pelas insistências do mendigo, aceitamos a sua ajuda. Mas esse traz consigo um curioso buquê de flores mortas, e determina: Lola deve segurá-lo. Se

queremos passar despercebidos, carregando tanto papel para a imprensa, esse intento não pode estar mais distante: todos os olhares presentes naquela rua acompanham o séquito que desfila por ali: eu na frente, tentando equilibrar a minha cota de papéis; atrás de mim o mendigo embriagado, cada vez mais trôpego sob o peso dos pacotes; e, encerrando a marcha, aquela senhora tão distinta, vestida a rigor, passos elegantes sobre ressonantes sapatos altos, naquele estranho cortejo, levando nas mãos, como um enigmático estandarte, aquele buquê pendente e murcho, de flores mortas... Meu pensamento novamente se desloca e vai se fixar em outro instante: estou a caminho de casa, já nos tempos da “dupla moradia”. O trem “42”, rumo a Campo Grande, tem a vantagem de ser direto. À noite, umas lâmpadas quase simbólicas fazem a composição mergulhar na meia-luz. Como num jogo de espelhos, os vagões apinhados se multiplicam em simetria, repetem-se a perder de vista, descortinando em seu interior um mar de cabeças paradas. Posso fechar os olhos, mas a retina retém, em atmosfera mortíca, a imagem daquela infinidade de braços levantados, dependurados nas alças metálicas do trem. A viagem é longa, relembro a história de Sérgio Furtado. Havíamos nos encontrado na Biblioteca de Copacabana numa tentativa de aproximação entre os nossos grupos. À mesa da biblioteca, balbuciávamos sobre o projeto (era importante o que dizíamos, mas o que era? Por que me falha a memória?). Foi Roger, que fazia dupla com Sérgio, quem me avisou da sua *queda*. Muito tempo depois, num encontro qualquer, soube de uma história que poderia significar o desfecho do seu *desaparecimento*. Uma notícia publicada num canto de jornal mencionava um cadáver não identificado, aparentando um rapaz de vinte e poucos anos; a nota acrescentava que o morto apresentava seus órgãos internos estourados. Essa história me segue martelando, enquanto o “42” prossegue no meio da noite. Mas por que se suspeita que aquele seria Sérgio Furtado? Órgãos estourados? Pelas janelas

do trem, avisto em ruas próximas trabalhadores carregando sacolas de volta do trabalho. Os caminhos do labirinto, é pena, não se cruzam com aquelas ruas. A história de Sérgio Furtado me deixa num estado de espírito muito peculiar. Agora passamos ao lado da metalúrgica KNS. De dentro do imenso pavilhão, estrondos e clarões. Pelas brechas, torna-se possível ver um ou outro operário vestindo aventais pesados. O trem chega em Campo Grande e me preparo para descer. A noite vai alta, começo a caminhar pelo centro deserto de Campo Grande, saio do calçadão, prossigo na obscuridade. Desponta a Estrada da Cachamorra, beirada por árvores e sombras – altas, úmidas e agitadas. Digo a mim mesmo: esses vãos, galerias, encruzilhadas, a imensidão de malhas por onde há tantos anos tateamos, nada disso foi construído pela nossa mera vontade. Nasceu e cresceu sob uma perseguição implacável, diante da qual tínhamos de sobreviver. O labirinto se ampliava, contraditoriamente, por nossa vontade e contra a nossa vontade. Na melhor das hipóteses, poderia estar se ampliando como a imagem construída de um fenômeno inóspito e informe, sob cuja imposição a nossa vontade vinha sendo sistematicamente golpeada, contudo sem jamais fazer-se morrer. O labirinto é a nossa prisão, mas é também a nossa sobrevivência. (*Um dia sairemos dele e nos veremos no futuro*). É certo que, decorrido o tempo, essa necessária tessitura de autodefesa segregou o líquido dos seus próprios costumes, gotas amargas e viscosas que prendem e amortecem os nossos movimentos, ao tempo em que emitem uma certa luz, pálida, porém própria, alimentada nas fontes da persistência coletiva. Ainda assim, por essas velas chegaremos, sim, ao futuro. A lembrança de Sérgio Furtado retorna; órgãos estourados? Uma atmosfera crepuscular parece pairar sobre o nosso mundo. Como custa chegar em casa! Lá estará Aurora, quem sabe dormindo, antevejo o refúgio do seu cheiro de puro alecrim (como foi possível viver antes de Aurora? ...

fui só como um túnel, de mim fugiam os pássaros...³). Prosigo. Avisto paredes envelhecidas nessa altura da Estrada da Cachamorra, já nas proximidades da rua Soldado José Silva, no bairro dos pracinhas, onde está, enfim, a nossa casa. Não obstante a espessura das sombras do momento, reconheço naquelas paredes algo perdidas as manchas escuras de musgos antigos, caídos no esquecimento.

Muitos anos depois, quando os tempos das fugas e do labirinto já pertenciam ao passado, estou numa festinha infantil, de aniversário, e me chamam para conhecer os pais do amigo desaparecido. Disseram-me que eles ainda o esperavam. – “Você o conheceu?” – perguntou-me o pai. – “Sim, conversamos muitas vezes, mas isso foi uns doze anos atrás. O senhor foi pracinha?” – Perguntei-lhe, cortando o assunto. – “Sim” – respondeu-me. – “Um dia ele me contou” – acrescentei. A conversa carregou-se de lacunas, fugindo das suas declaradas metas, ensaiou-se desgovernada, querendo chegar ao seu rumo, mas ao mesmo tempo evitando-o, estranho acontecimento.

Ah, afinal em casa, refaço-me, esqueço as imagens que me acompanharam desde o percurso no trem “42” e na longa caminhada. Aurora dorme, olho o mundo através da janela. É noite madura, hora de soltar os pensamentos. Quando teria soado, aos meus ouvidos, a hora zero do labirinto? Talvez no meu primeiro esconderijo, no alto de um morro na Boca do Rio, em Salvador.

Meu irmão alugara uma casa para que eu me refugiasse. Os ecos de 1968 já silenciavam, depois daquele 13 de dezembro. Para o nosso refúgio, convidei Adolfo, Matos e Piniheiro. Nosso esconderijo na Boca do Rio seria provisório, esperávamos a volta das multidões de 68. É verdade que, pouco antes de rumarmos para lá, li os últimos prognósticos escritos

³ Pablo Neruda.

pelo *Velho*. Não lembro detalhes, mas previa-se uma “noite de São Bartolomeu”. Não conhecia a expressão; confusamente, pressenti uma misteriosa densidade de acontecimentos à minha frente. E, embora Salvador não estivesse à testa dos acontecimentos, logo adviria entre nós um primeiro sinal dos tempos, prenúncio da *noite* que se anunciava: a primeira *queda* na seção baiana da Organização, a de Sílvio (também estudante, porém membro da *célula operária*), embora imediatamente revertida numa fuga espetacular, depois que Sílvio, habilmente, desfez a fechadura das suas algemas, saltou pela janela de uma das cidadelas inimigas sediada nas proximidades da Praça da Sé e correu, correu, iria mergulhar fundo no labirinto durante anos e anos sem que os seus perseguidores jamais conseguissem alcançá-lo. No nosso esconderijo, líamos, coletivamente, poesias de Pablo Neruda (... *vais gastar teus sapatos, mas vais crescer caminhando...*). Era Pinheiro quem lia... Ocorre-me, ainda, que a imersão no labirinto, aos meus olhos, poderia ter sido bem antes, naquele outono de 1967, eu entrando pela primeira vez na Escola de Geologia. Lá estava ela numa cadeira do saguão principal, abriu-me um sorriso bem amplo. Era Kátia, por cujas mãos fui levado a conhecer a Organização. Kátia e eu iríamos mergulhar num ativismo sem descanso, misturando os traços declinantes da adolescência recente com as durezas da nossa maturidade precoce. Logo as aulas de geologia seriam esquecidas, os nossos dias pareceriam sem fim, era preciso fazer o mural, o jornal, e andar, e andar pela cidade, havia sempre uma tarefa urgente - como andávamos! Tudo nos anunciava a *Revolução*, tão próxima, tão cheia de som e cor. E, como na *Odisseia*, Kátia parecia seguir um redemoinho sem nunca chegar ao seu destino, mas sempre continuando (... *rumo à madrugada alvorada, de róseos dedos...*⁴). Ela não se contentaria com a nossa faina baiana. Ao começar o ano de 1968, foi para longe, decidiu acompanhar as movimentações maiores que aconteciam em São Paulo, em Osasco; desapareceu dos meus horizontes, até que soube de sua *queda*,

⁴ Homero.

tempos depois, em alguma prisão de Pernambuco. Mas o marco zero do labirinto, para mim, pode mesmo ter sido o escondido da Boca do Rio, quando o ano de 68 morria. Volto para lá: é noite, sento-me no parapeito da janela, avisto os coqueiros do Jardim de Alá, observo os ônibus que passam para Itapoan. Encolho-me, abraço as minhas próprias pernas, agarro-me ao meu próprio corpo, mergulho em conjecturas, perscruto a noite com os olhos dos meus vinte anos. Uma nuvem de salitre se assemelha a um nevoeiro de lugares distantes. A lâmpada da iluminação pública aparenta transportar-se para dentro do fog britânico. O que virá? Minha consciência se solta; como num sonho, percorro caminhos noturnos e a noite é aquela, pressentida pelo Velho, a de São Bartolomeu. Vapores espessos e sombrios estão à frente de um túnel de enigmas. São as portas, com certeza, são as portas do labirinto, embora eu não pudesse assim identificá-las naquele momento. Agora sei, mas somente porque transito pela dimensão do tempo, posso voltar sobre os caminhos do passado e rever os seus signos. Como o capitão Acab, suponho que a minha consciência avança sobre trilhos de ferro aos quais está presa deliberadamente e dos quais não quer se afastar. Minha consciência avança voando, cheia de certezas, atravessa essas espirais de brumas densas e pesadas e enfim penetra numa das mil bocas do inevitável labirinto.

Hoje, porém, decorrido muito tempo, percebo claramente: nada, nem mesmo o sólido labirinto, podia ser definitivo. Aquele mundo pareceu durar uma eternidade, mas depois fragmentou-se em mil pedaços e em seguida se desfez, não deixando pedra sobre pedra – exceto a sua tênue luz, aquela luz tão peculiar que, durante anos, alimentara-se em secretas fontes humanas; essa luz sobreviveu dispersando-se, diluindo seu brilho, já em si mesmo fraco, pelos cantos dos horizontes, voltando a mostrar-se somente em mortiças e fugazes aparições, quando reabre inquietas expectativas de que, algum dia, possa vir a firmar-se.

Parte II

LEMBRANÇAS DE RIACHINHOS

A Rua Luís Viana era reta, parecia sem fim. De suas cabeceiras vinha a multidão em silêncio, os da frente carregando um grande retrato. A marcha calada realçava o bater dos sapatos nos paralelepípedos, deixando no ar uma intensa sensação de excepcionalidade. São os operários, diziam lá em casa. É porque Getúlio Vargas se suicidou. Estão vindo do Curtume e da Oficina Ferroviária.

Corria o ano de 1954. Todos em Riachinhos logo estariam com as atenções voltadas para a campanha eleitoral. Numa noite de festa, todas as portas de lá de casa se abriram, a banda de música Os Cecilianos entrou com saxofones gigantes, e o candidato ao governo do Estado chegou distribuindo sorriso e largos acenos de mão. O homem gordo que subiu num dos janelões da sala da frente para discursar tinha o portentoso título de bacharel. O Sr. Esmeraldino, que adiante iria aparecer em tantas outras campanhas políticas, sempre sacando do bolso intermináveis tiras de discurso, era o representante dos ferroviários.

Vozes indignadas chegaram falando das urnas. As urnas do coronel Santinho foram anuladas. Eram votos certos, já contados antes mesmo das eleições. A coligação PSD/PTB lamentou a perda dos votos preciosos. Durante campanha eleitoral, o núcleo antigo do PSD, formado pelo coronel Santinho, pelo Dr. Paulo da Costa e pelo meu pai, ampliou-se com novas adesões. Eram alguns jovens bacharéis recém-formados na Capital, e os líderes ferroviários que então fundavam o PTB. As tensões em torno das facções municipais vinham se acumulando, contra um pano de fundo conspirativo e de contradições obscuras. Até que numa certa tarde, todos os choques se condensaram dentro da Câmara de vereadores. A notícia do

tiroteio na Câmara imobilizou a cidade e criou uma atmosfera de trágicas nuvens carregadas. Décio, o filho do prefeito eleito, caiu crivado de balas, e no chão da Câmara formou-se uma poça de sangue. João Norio, um dos jovens advogados do PSD, e Hidelmegos, liderança de prestígio entre os ferroviários, foram levados entre a vida e morte para um hospital da Capital. Outros saíram feridos. Zenaide, a esposa de Décio, enlouqueceu diante do cadáver do marido. Curioso como um acontecimento como este logo tenha caído no esquecimento geral. Ainda houve a expectativa do Júri, que absolveu os sobreviventes, e a grande recepção que os ferroviários prepararam para Hidelmegos, em sua volta. Depois, o caso seria arquivado, e nunca se tornou pública qualquer explicação sobre ele. E, malgrado ter sido um confronto entre as correntes que dividiam a elite local, as lideranças ferroviárias já de antes vinham tomando partido, marchando com uma das facções até o momento extremo de tiroteio e morte.

Seguiu-se um tempo de calma. À noite, na Hora do Brasil, o presidente da República fazia discurso, e a palavra “tonelada” era repetida com frequência. O nosso vizinho criticava a construção de Brasília. Estão fazendo rios de dinheiro, essa pressa vai liquidar o país. Opinião contrária à do meu tio, que preparou um discurso para ler na ZYM-27, Rádio Emissora de Riachinhos, em defesa de Brasília. Entrementes, Riachinhos progredia.

Em algum lugar do município, haviam descoberto petróleo. A Companhia Nacional de Petróleo chegava na cidade, até as ruas mais distantes estavam sendo calçadas, e no centro da cidade foi construído um hotel de quatro andares. Num desses dias, correu a extraordinária notícia: num dos distritos pertencentes a Riachinhos, o petróleo jorrava num poço avaliado como o maior do Estado. Fez-se um grande carnaval. O prefei-

to e os homens de prestígio juntaram-se aos operários e foram arruinar ternos e gravatas num banho de petróleo. Fez-se uma confraternização em nome do Desenvolvimento.

No Ginásio de Riachinhos, o professor Silva e o velho professor Pereira tornavam frequentes as cerimônias comemorativas no Salão Nobre. O tenente Catalães inevitavelmente fazia o seu discurso. Daria pulos no estrado, investiria contra um alvo determinado – embora para nós nunca ficasse muito bem claro qual fosse. O tenente Catalães era também conhecido, sigilosamente, como tenente Cavalães, dada a sua habitual grossura. E, fato extraordinário, nem os professores nem as famílias tradicionais pareciam estranhar os modos de Catalães. Como se fosse um caso especial, em que os hábitos tidos como de boa educação pudessem ou até devessem faltar, e a grosseria se tornasse natural. Mas, se por um lado o tenente Catalães era tido como figura honorável, representativa de certa vertente das tradições, por outro era mantido polidamente à distância: não fazia parte do Rotary Clube, que naquela época media o *status* das personalidades locais, nem era convidado a privar da convivência mais íntima das dez ou onze residências da elite social de Riachinhos.

No dia da fundação de Brasília, o professor Filadelfo discursou no Salão Nobre, e disse que a história do país passava a se dividir em duas eras: antes e depois de Brasília. O professor Pereira deu vivas ao pan-americanismo, e disse, emocionado, que a lembrança daquele acontecimento ficaria acima da sua cabeça, porque ficaria no seu coração. O professor gordo citou Júlio César: vim, vi e venci. Catalães terminou seu discurso com três pulos sobre o estrado, e, como sempre sem ser bem entendido, conclamou a todos à união em torno “da grandeza da Pátria e do desenvolvimento da lavoura”. O tempo corria. Descobertos os grandes poços de petróleo, surgiram os

petroleiros. Dos bairros pobres e das cidades vizinhas, brotavam uma legião, eram milhares que surgiam, o capacete metálico e as manchas de óleo na roupa. Nas conversas lá em casa, e entre os amigos de meu pai, convencionou-se comentar o fato, tido como indiscutível, de que os petroleiros ganhavam salários exorbitantes. O fato é que estes novos operários demonstravam uma autoconfiança e uma certa atitude de desafio, inexistente nos velhos ferroviários. Os novos operários já não se deixavam implicar ingenuamente em contendas conspirativas, como aquela que culminou no tiroteio da Câmara. Eles pressionavam a política local para que saísse dos gabinetes, – empurravam-na para os descampados. Por outro lado, a elite principiava a se preocupar menos com as suas disputas internas, e constantemente era levada a voltar os seus olhos para aquela nova força que começava a latejar sob os seus pés. As disputas entre as facções continuavam, é verdade, mas não passavam de prosaicos arremedos das tragédias passadas. Certo dia, por exemplo, Jaime Tamoio entrou enfurecido no Fórum, à cata do respeitável escrivão, e, ao encontrá-lo, resolveu, sem preâmbulos as questões pendentes, endereçando-lhe certos pontapés. O idoso escrivão tentou, em vão, recuperar os óculos, tateando de quatro, enquanto o insistente chefe udenista aplicava-lhe nova série de chutes enérgicos. Mas o episódio, significativamente, não teve desdobramentos. No entanto, a cidade era percorrida por uma força polarizadora sempre que circulava a notícia de que os petroleiros haviam decretado mais outra greve.

Greve. Esta palavra logo estaria na boca de todos. Diziam até que o próprio presidente da Companhia Nacional de Petróleo apoiava as greves. Indo ao encontro dos boatos, o presidente da Companhia visitou Riachinhos e convocou uma palestra no Cine Saad. Discursando para um auditório lotado, declarou que foi ali, em Riachinhos, durante viagens na sua infância, que ouvira pela primeira vez a palavra “greve”. As

palmas atravessaram as paredes do cinema, e ressoaram demoradamente. A elite reagia com desprezo e raiva. Interessava o progresso, – e as chamas dos poços de petróleo, que varavam as noites, eram exibidas com orgulho. Mas detestavam aquele halo de força que parecia envolver os petroleiros e a insolência das greves. Nas reuniões da Casa da Amizade, com as senhoras dos rotarianos, a voz estridente de Márcia Tamoio fazia trincar os cristais: os petroleiros são os culpados pela alta dos preços, eles pagam os preços mais altos nas feiras e nas lojas.

Nesse meio-tempo, crescia em carreira fulminante uma nova liderança política na cidade. Jovem advogado, recém-saído dos movimentos estudantis da Capital do Estado, Danilo fazia-se porta-voz dos petroleiros e dos velhos operários da oficina ferroviária e dos curtumes, e da classe média letrada que vinha se ampliando. Mas Danilo era, também, membro do Rotary Clube e íntimo das famílias mais tradicionais de Riachinhos. Que, aliás, o encaravam como uma espécie de filho pródigo, travesso, porém talentoso. Os do PSD subiam com ele nos palanques da campanha eleitoral de 1960. O professor Filadelfo, por exemplo, apresentou em comício o candidato à vice-presidência da república pela coligação PSD/PTB: Ecce Homo, disse solenemente o velho professor. Danilo se elegeu Deputado Estadual, e na campanha de 1962, já com um linguajar bem mais contundente, atraía milhares de pessoas para os seus comícios. Gritavam abaixo os tubarões, e pediam reforma agrária.

No Ginásio de Riachinhos, esses fatos repercutiam. Aumentava o número de estudantes, e surgiam jovens professores, bem diferentes dos vetustos senhores que pareciam investidos na função desde tempos recuados. Os jovens professores tinham linguagem informal, e alguns, como a professora Gertrudes, faziam críticas sociais em linguagem agressiva. En-

tre os ginásianos, muitos assumiam atitudes de franco deboche diante da vida no ginásio e na cidade. Surgiam elementos de destaque, que já não se enquadravam simplesmente na figura do bom aluno de antes. Vergasta, já numa faixa etária superior à média, era um intelectual em formação. Escrevia sem obedecer ao estilo habitual, lia e divulgava a Odisseia e o Pai Goriot, declarava-se materialista, ridicularizava as lendas bíblicas e contava piadas anticlericais. Carlos Faro, tido como insubordinado pela direção do ginásio, mantinha uma reputação de audacioso. Pesava neste sentido a sua já longa experiência no brega da Bela Vista, o seu futebol, e o hábito de dizer coisas assim: eu vou ser comunista nesta porra. Fuinha, o presidente do grêmio, indicava a leitura de um livro de Celso Furtado. Gerson gostava de falar da campanha pela encampação de Capuava. Consta que se faziam reuniões lá fora, onde o presidente do grêmio e outros colegas juntavam-se às lideranças dos petroleiros e até aos trabalhadores rurais vindos das vizinhanças. É verdade que nem todos seguiam estes caminhos. Paulo Almeida era um desses. Mantinha distância da atmosfera de turbulências que acompanhava as figuras de Fuinha, Faro e Vergasta. Revelava uma clara vocação para as coisas estáveis. De origem pobre, vindo de uma cidade vizinha, procurava sempre ocultar sua origem social. Em compensação, não desperdiçava oportunidades para exibir seu lar adotivo – uma das ricas famílias de fazendeiros de Riachinhos. Saboreava sua convivência com uma das turmas que estudava na Capital. Deste ambiente talvez tenha decorrido a escolha de sua futura profissão: seria administrador de empresas, uma opção pouco difundida numa cidade até então acostumada a médicos, engenheiros e advogados. E o que mais parecia estimular Paulo Almeida era o seu esforço por se apresentar como jovem de classe alta. Convencera-se, e lutava para convencer a todos, de que tinha “hábitos britânicos”; reforçava esta convicção exibindo um cachimbo envernizadoíssimo, nos domingos à tarde.

No Ginásio, o diretor já não convocava tantas solenidades como antes, e as imprecações de Catalães, nos corredores e nas aulas de Educação Física, se tornavam mais azedas e ríspidas.

Entre as famílias de prestígio, também ocorriam mudanças. Já havia morrido o coronel Santinho, – na fase final da vida apenas uma sombra do outrora poderoso chefe político da zona rural. Morria o coronel, mas surgiam figuras como Cícero. Antigo vendedor de fumo de corda nas feiras dos sábados, transformara-se num próspero fazendeiro, comprando terras das decadentes propriedades senhoriais, e dando a elas uma fisionomia moderna. Por seu lado, o Dr. Paulo da Costa, durante décadas a figura máxima de Riachinhos, não se conformando com o declínio do seu antigo prestígio, mudou-se para uma cidade no sul do país, onde depois se suicidaria. Meu pai já não tinha peso político, limitando-se a certas missões de pacificação, acima das facções. O núcleo antigo, mesmo na convivência social mais íntima, era obrigado a admitir novos aderentes e a abrir o ambiente antes restrito. Via com desdém a chegada, em seu meio, dos inúmeros elementos sem tradição familiar, mas não podia acompanhar os seus hábitos modernos. Nesta medida, ressentiam-se da progressiva perda de terreno. Lá em casa, para uma família de seis, o pessoal do serviço doméstico chegava no mínimo a sete pessoas, sem contar os afilhados que vinham da fazenda. Ao que se acrescentavam as doações para a construção da igreja Matriz, as doações para a construção da Igreja de Santa Isabel, as doações para as freiras do Santíssimo Sacramento, – e ainda haveria com certeza a visita mensal de D. Amanda, rica e solitária, pálida, cheia de dramas e segredos contados em voz baixa, recolhendo fundos para as Almas do Purgatório. O núcleo antigo não podia acompanhar o dinamismo dos novos, até porque os seus negócios já há décadas vinham caindo. Os novos viajavam ao sul do país, e de

lá traziam não só os artigos da moda como também as gírias e os trejeitos, e assim iam firmando sua reputação. – A banda do Canecão é um “xú” – dizia D. Margarida, revirando os olhos e torcendo a boca. (E assim marcava mais um tento na sua escalada). O Rotary Clube tornava-se obsoleto, a nova elite preferia a Associação Atlética.

Mas o assunto novo, que passava a constar nas conversas entre as famílias, era a inflação e a situação do país. Responsabilizavam as greves pela carestia, e acusavam Danilo de agitação comunista. Quanto a este último, eleito prefeito com votação esmagadora, culpava os tubarões e os latifundiários pela crise, e cercava-se de grupos de onze. As greves pipocavam. As famílias proprietárias, velhas e novas, já não se preocupavam em fazer observações desconfiadas sobre temas como a encampação de Capuava. O que desencadeava a ira e o medo eram as greves e o atrevimento crescente dos petroleiros e dos agricultores pobres. Os homens da UDN, especialmente a família Tamoio, agora iam diariamente para a ZYM-27, Rádio Emissora de Riachinhos, e de lá moviam campanha sistemática contra a ameaça comunista. Meu tio Zezito chegava aos sábados, e com a respiração ofegante descrevia as ameaças que vinha recebendo dos agregados da velha fazenda da família. Em frente a nossa casa, o velho casarão de D. Elizabete agora havia sido alugado e transformado em pensão de petroleiros. A movimentação lá se estendia até altas horas. Surgiu o boato de que em algum lugar da cidade os petroleiros se reuniam e preparavam uma lista negra com figurões da cidade, a serem levados ao paredão numa revolução que se anunciava para breve. Os Tamoios estão na cabeça da lista, seu pai também está na lista, diziam-me pessoas da família. Sentia-se em tudo, nas palavras, nos fatos do dia a dia, e até no ar, que se ia tecendo por toda parte uma rede de malhas retesadas. A coligação que elegera Danilo se desfazia sem formalidades.

É verdade que Danilo, embora radicalizando a linguagem a favor dos operários, significativamente mantinha-se ligado à vida social dos proprietários, especialmente no Rotary Clube. Aliás, os vínculos entre Danilo e a elite local não se limitavam à vida social. Mantinha também um relacionamento íntimo com o Sr. Bravo Pimenta, dono de um dos maiores trapiches de Riachinhos. Danilo o exibia, também para ilustrar a ideia, tão enfaticamente repetida em suas alocações aos operários, de que havia uma ampla gama de forças sociais interessadas no combate aos tubarões e na reforma agrária. Fato é que, através destes diversos expedientes, Danilo parecia preparar-se para duas alternativas opostas, frente ao desfecho que se avizinha-va. As famílias do UDN e do PSD aos poucos sanavam velhas divergências e pareciam unânimes em desejar o retorno da ordem de antes. Os frades do Convento dos Capuchinhos, trêmulos de ódio nos sermões de domingo, ameaçavam os comunistas com o fogo do inferno. Frei Virgílio, magrinho e de fundas olheiras, acometido de constantes crises de nervos, descarregou suas tensões fuzilando um jumento que invadira as propriedades do Convento. Meu tio Godofredo trazia da Capital do Estado enormes cartazes, onde um homem com olhar de louco, intitulado “comunismo” cravava enorme punhal na garganta de uma frágil mulher, a “democracia”. A família Tamoio, vanguarda da UDN local, parecia preparar-se para uma emergência extraordinária. A voz de Márcia Tamoio cortava os ares, como lanças. Na Rádio Emissora, Aderbal Casales, um médio comerciante, alertava os incautos quanto à existência dos “melancias” – aqueles que são verdes por fora e vermelhos por dentro. A elite local parecia tomada de paranoia coletiva. Apelavam, como nunca, ao auxílio dos frades, como se as missas e os terços fossem uma arma extra para afastar uma ameaça cujas proporções jamais haviam visto antes. Pernas e braços molengavam, pareciam desejar que uma força superior, vinda de fora de seus braços e de suas pernas, neutralizasse as

ameaças e restituíssem o antigo modo de ser das coisas. Mas a ameaça persistia, sobrevivia aos discursos e às orações. Meu avô, ouvindo as notícias chegadas da fazenda, fechava os punhos e dizia que nunca existira tempos como aquele. Lá no Ginásio, percebia-se no ar a proximidade de um momento crítico. Até as frases lidas por Vergasta em suas leituras, refletiam o estado de espírito geral (“... e quando soar para o herói Laerte, no dia fatídico a inexorável hora...”). Alguma coisa especial estava para acontecer, todos sabiam disso.

A pensão dos petroleiros lá em frente fervilhava. Os operários pareciam ter avançado em sua audácia, como se os conflitos do período houvessem lhes permitido vislumbrar o oceano da sua força. Mas as metas, que pareciam próximas, pareciam também irrealis. Aquela suposta revolução, aquela suposta lista negra, os supostos aliados importantes, – das cúpulas governamentais até as figuras tipo Bravo Pimenta – por que tudo isso soava fictício? E, se fossem mesmo fictícios, qual seria o passo seguinte dos operários? A resposta não se fez sentir naqueles dias. Fez-se, então, um momento de espera, ou, quem sabe, de cansaço. Talvez naquela hora estivesse reinando entre eles, lado a lado com o entusiasmo exterior, uma sensação encoberta de perigo iminente.

(A ÚLTIMA NOITE)

No início de março daquele ano, eu saí de Riachinhos para estudar na Capital. Voltei poucos dias depois, pois as aulas haviam sido suspensas. Estourara algures um movimento militar, que se alastrava pelo país. Quando cheguei em Riachinhos, já escurecia. Ao lado da Prefeitura, sob as palmeiras imperiais, soldados armados apontavam fuzis para a praça vazia. A noite apenas começava; ainda por volta das 18 horas, chegou lá em casa a notícia de que a Escola Profissional havia se transformado em prisão, e que para lá eram levados deze-

nas de operários. Mais tarde, chegou da fazenda meu tio Zezito. – “Enfim posso respirar aliviado, repetia ele”. Percísio, o chefe de uma Liga Camponesa sediada nas proximidades da fazenda, fugira para o mato no início da tarde, quando lá chegaram dois jipes cheios de soldados armados. Durante o dia, havia circulado boatos quanto a uma revolta dos operários. Mas a passeata iniciada na Praça J. J. Seabra logo se desfez. Na pensão dos petroleiros, onde diziam ter havido muitas correrias durante o dia, agora reinava silêncio, e um soldado na porta barrava a passagem. Tudo indicava que o drama de antes havia encontrado um desfecho. Já estávamos, sem dúvidas, no seu anticlímax. Mas, fato curioso, os vencedores não festejavam. Em Riachinhos, à medida que a noite avançava, as vozes se faziam mais baixas. Fazendeiros, comerciantes, proprietários de curtumes, tão barulhentos nas invectivas de ontem, agora estavam calados. Como se temessem seus próprios heróis, aqueles homens especiais que vieram substituir seus braços e suas pernas, na hora insólita em que os sentiram fraquejar. Ou talvez não festejassem porque nem mesmo a vitória bastasse para deixá-los inteiramente tranquilos, depois do prolongado stress. Lá em casa, outros chegaram, eram quase nove da noite. Disseram que o tenente Catalães, o mesmo que no Ginásio chamávamos de tenente Cavalães, era a autoridade máxima na cidade. Chegaram também, em rápida visita, Jaime e Márcia Tamoio. Vitoriosos máximos, o velho casal udenista estava excitado e eufórico, mas era uma euforia sem risos, com sulcos cravados nas testas. Apenas Márcia Tamoio, em dado momento, quando relatava o caso de um senhor que se borrara nas calças ao ser preso, apenas ela encontrou motivos para uma demorada gargalhada. (A gargalhada provocou no ambiente um rápido instante de constrangimento. Todos pareceram perceber, na risada da velha senhora, habitualmente tão pudica, uma nítida insinuação pornográfica). A conversa estendeu-se. Comentou-se que

era intenso o movimento na Escola Profissional, e que luzes extras estavam sendo levadas para ajudar nos interrogatórios. Eram talvez onze da noite quando meu tio Zezito retirou-se. Os Tamoios já haviam se retirado. O silêncio em Riachinhos tornou-se profundo. (Apenas na Escola Profissional um movimento febril certamente continuava). A noite consolidou-se sobre a cidade cindida. Os proprietários deviam estar sonhando com a continuidade de suas posses, e com os fluxos futuros de dinheiro e prosperidade. Paulo Almeida, muito provavelmente, estaria vislumbrando no horizonte a luminosa empresa que haveria de emprestar verossimilhança às suas fantasias britânicas. A turma de Fuinha, Faro e Vergasta deveria estar mergulhada na angústia da hora incompreendida, e talvez fossem ainda trilhar longos labirintos até conseguirem decifrar o enigma daquela noite. Mas para os petroleiros e ferroviários, no burburinho anômalo da Escola Profissional, já não devia haver qualquer enigma a ser decifrado. Sob o roteiro do questionário implacável, pessoas e coisas com certeza reassumiam sua verdadeira identidade. Estava tudo claro, como aquelas luzes frontais recém-instaladas. Aquela noite parecia marcar o desfecho de tudo, sem, contudo, indicar o começo de nada. Os começos, quem sabe, viriam com as madrugadas seguintes. Por enquanto, todos os caminhos de antes vinham finalizar ali, como que engolidos num vasto sorvedouro.

Entre as notícias comentadas nas conversas daquela noite, falou-se também que Danilo, levado junto a outros para a Escola Profissional, já se apressara em repetir que nada tinha a ver com as veleidades revolucionárias dos operários presos. Podia-se imaginar os petroleiros e os velhos ferroviários lá dentro. Danilo os repudiava em cada acareação, usando para isto a mesma eloquência dos seus antigos discursos em praças públicas. O presidente da Companhia de Petróleo, outrora tão loquaz ao falar das greves, em gabinetes distantes agora lavava

as mãos. Bravo Pimenta penitenciava-se de suas aventuras, e já ensaiava os passos que daria para acercar-se das forças da ordem. Os supostos aliados das cúpulas governamentais, afinal, eram mesmo fictícios. Os petroleiros e ferroviários estavam sozinhos diante das inexpugnáveis lâmpadas e dos holofotes. Para eles, aquela noite já não tinha mais segredos. As iniciativas dos heróis do momento estavam plenamente reveladas. Estavam esgotadas em todas as suas potencialidades.

(Aquela noite marca também o meu último testemunho da vida em Riachinhos).

IMAGENS⁵

Subindo-se a imensa ladeira que partia do rio, entre escorregadores de pedras e encruzilhadas cercadas de mato, a velha casa despontava no alto. Cercavam-na os antigos coqueiros que, à noite, se associavam aos ventos para embalar o sono, como chuvas. Tudo parecia eterno, e pairavam no ar histórias de tempos remotos. Sob os telhados seculares da casa caiada, o ruído regular da rede mais parecia um eco, um som vindo de antes, depurado de circunstâncias reais, um som de sempre. Tudo ali tinha a dupla dimensão e a densa espessura do presente e do passado; mas o passado dominava, embutia-se nas coisas. Aquele espelho emoldurado na parede era condescendente em mostrar as nossas imagens, porque na sua essência, do outro lado, deviam passar outros vultos, pisadas firmes de botas, vestimentas escuras.

Rangia a rede sem pressa: – “Foi ali que meu tio”... – “Foi então que meu bisavô”... As sombras noturnas dos candeeiros revigoravam o passado. Quem?... Quando?... Quando?... E diante da lamparina que iluminava o nicho, aquela voz enfática e ajoelhada, declamativa, abafada, abria caminho e penetrava nas sombras: – “Divino Espírito Santo, enchei o coração dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor”. A voz prosseguia, contida. – “...E acendei neles o fogo do vosso amor!”. A frase gravou-se colorida, como chama, e mesmo depois de esmaecidas as palavras e o seu significado, ficaram as cores, luzes de labaredas derramadas na memória.

Em todos os dias amanheciam gotas de sereno nas folhas, e os chocalhos do gado e das ovelhas chegavam reno-

⁵ Esta crônica obteve o 4º lugar no concurso “As melhores Crônicas do 5º Concurso Sérgio Porto”, realizado pela FENAB, em 1982.

vados e cristalinos. Jasmins brancos e vermelhos, acácias e flores de São João, o imenso chão desdobrado em verde, em tudo pousara o orvalho, e a brilhante claridade da manhã transbordava no vasto manto de gotículas. Sob o velho umbuzeiro morrera a velha Nanã, com mais de cem anos. Naquela sala morrera minha bisavó. Por que a morte parecia fazer parte do ambiente? Era apenas um estado de espírito ou uma força atuante? Sob o feérico apelo das manhãs, a presença da morte mantinha-se embrionária, pulsava veladamente, e mostrava-se na primeira brecha, pelas fissuras das conversas, pelos flancos das recordações ou, simplesmente, chegava arrastada pelas palavras que exprimiam a perplexidade diante da vida. ...“Ah, naqueles tempos; ah, a fibra do Coronel; ah, o que virá”... A velha prima fazia passar o retrato da sua mãe já morta e do seu pai já morto, e, movendo a cabeça em lentos gestos de negação, parecia evocar a obra destruidora da morte, lavrada naqueles rostos para além do instante retido nas fotografias.

Lá fora brilhava o sol, e, entre as folhas, a luz se repartia em arco-íris. As plantas brotavam e cresciam, consumando incontrolável tendência, e havia Ana, Júlio, Eduardo, Pedro e tantos outros. Eles rondavam a velha casa. Lá fora, campeavam forças vivas, elas desfilavam em sua formosura... Mas o que era mesmo que lhes faltava? (Haveria com certeza alguma lacuna, pois eram forças que se diluíam em si mesmas, não conseguiam transformar as coisas à sua semelhança). E era também lá fora que havia um círculo negro em meio ao campo verde – a marca da fogueira das festas do mês de junho. Restos dispersos de cinzas, fogo contido, aparentemente aniquilado. Mas o pesado cobertor de cinzas não retirava daquele contrastante círculo o seu caráter próprio, isto é, ali era a fogueira reafirmada na perspectiva, era a certeza do fogo trepidante, clarões braseiros latentes.

A prima solitária fazia passar os retratos dos mortos: “Este era irmão da minha avó, que se arruinou antes de morrer”... As conversas rendiam, prolongavam-se. As palavras fluíam no ar como fumaças espessas e sombrias, projetavam-se nas tardes antecipando o anoitecer, tornando a atmosfera pesada, oleosa, tensa. E, quando chegava a hora do incenso, vapores de tristeza ocupavam a casa, subiam pelos cantos, formavam obscuros arabescos no ar, penetravam nas gargantas tecendo invisíveis nós de angústia, e tornando aguda a vontade de voltar para um dia qualquer no passado.

Passaram-se anos, décadas. Alguma coisa assim como enormes rodas dentadas, de extraordinária engrenagem, subjacente às folhas, ao ar, à casa e aos seus protagonistas, gira inexoravelmente, e a crônica viva vai ganhando outras formas. Mas algo há muito se partiu, e a engrenagem, há muito, só emite sons cavos e roucos. Acabaram-se as reverberações. Dentro da velha casa, há uma roda dentada girando ao contrário. (Os impulsos de vida que atravessam os chãos e empolgam os campos eram fortes demais, e as mãos finas e melancólicas de dentro da casa já não conseguiam controlá-los; o mecanismo arrebentou-se). Ninguém mais nasceu lá dentro, só as mortes se sucederam, somente elas renovaram o painel dos acontecimentos. E tudo assim continuou, até que foi atingido o coração da velha casa, quando então se quebrou o precário equilíbrio, acelerou-se a invasão do frio, canalizaram-se correntes geladas que fizeram cerrarem-se em surdina as pesadas portas e janelões de grossas madeiras.

Nos campos, a nova folhagem quer irromper no solo e espalhar-se ao sol, e efetivamente se espalha, mas sem obedecer à planejada geometria de antes. Os gramados perderam a nitidez dos seus contornos, desmancharam-se os limites entre os rebentos cultivados e o mato imprestável, irmana-

ram-se os pastos verdes, os bredos-de-espinhos e os ásperos cansanções. Há uma força surda que avança sem rumo, a vida explodindo desgovernada.

Lá dentro, presente-se um lamento incansável e silencioso, na absoluta quietude dos quartos, e cai uma chuva de pó do velho madeirame, o alto teto chorando sua lenta agonia. A presença do passado tornou-se absoluta, ocupou todos os recantos, umedecendo o ar como se todos os velhos baús houvessem se aberto e disseminado em triunfo a sua própria atmosfera. Mas, este mesmo instante que parecia selar a vitória completa da mera imaginação sobre a vida – este largo momento que se abriu, aparentemente sem fim – tornou-se também a hora dos desmoronamentos. As recordações, corporificadas, simplesmente esvoaçam, entrechocam-se no ar. O velho espelho emoldurado agora está assimétrico, seus velhos vultos fantasmagóricos pendem desaprumados, tênues imagens sem destino.

Lá fora, agora os filhos de Ana, de Júlio, de Eduardo, de Maria, de Pedro e de tantos outros poderiam estar ali, mas saíram em busca da sobrevivência. Presente-se, porém, a presença deles, algo assim como um sonho, uma aragem de vida rondando a casa em ruínas. Quando virão? Quando juntarão suas vontades e seus braços para orientar a luz das manhãs e para canalizar as substâncias da terra? Onde quer que estejam, suas mãos calejadas contêm histórias de trabalho e sonhos esboçados de sulcos abertos na terra. (Incólume, o círculo negro de cinzas lá fora continua aguardando, mesmo que com retardo, a inevitável hora do renascer das chamas). Quando virão eles? Quando ativarão as cinzas? Aquelas mãos, ávidas por semeaduras, quando se fundirão para varrer os fantasmas, para acender o cintilante luzeiro, e para desatar as brisas contidas dos jasmims e dos laranjais?

Parte III

FRÁGUA INOVADORA: O TORMENTOSO PERCURSO DA POLOP

Introdução

No começo de 1961, no interior de São Paulo, realizava-se o Congresso de fundação da Organização Revolucionária Marxista – Política Operária, mais conhecida como POLOP. Seu impacto intelectual sobre o pensamento radical de esquerda no Brasil, sua influência política sobre frações importantes da esquerda organizada, do movimento estudantil e mesmo do movimento operário, seriam fortemente crescentes ao longo dos anos 60. Na década seguinte, período de auge da ditadura militar, mergulharia num doloroso processo de isolamento social, seja pelos cruentos ataques que sofreu da polícia política – DOPS, Polícia Federal, OBAN e demais signos do terror anticomunista daqueles anos – seja pela diáspora dos quadros no exílio e recorrentes fragmentações internas. Somente nos primeiros anos da década de 80 se firmaria um movimento interno de “volta às raízes”, longamente preparado: tarde demais, pois o contingente de militantes remanescentes estava demasiadamente reduzido e distante do centro dinâmico das lutas sociais brasileiras, na maré montante das greves, da fundação do PT e da gestação da CUT. A POLOP reconheceu a importância política própria do PT, mas ao mesmo tempo entendeu os seus limites; por isso, aderiu ao novo Partido, mas ao mesmo tempo tentou manter-se como organização autônoma. Sem êxito nesse último projeto, extinguiu-se no decorrer da primeira metade dos anos 80.

Durante a fase ascendente, até 1968, participou da Organização um número expressivo de destacados intelectuais, vários dos quais iriam adiante compor o núcleo dirigente do PT. No movimento estudantil, no seu auge histórico, a POLOP sustentou várias vice-presidências da diretoria da UNE eleita no vigé-

simo nono Congresso, aquela que seria posta à testa das grandes mobilizações de 1968. No movimento operário, sua presença se fez sentir com relativa importância nas greves de Contagem e Osasco. Por outro lado, ainda na sua fase expansiva, polarizou uma ação aglutinadora sobre a esquerda revolucionária, cujo ponto mais alto foi a formação do Núcleo Marxista-Leninista, em 1967, conjugando-se com a Dissidência do PC no Estado da Guanabara e com a Dissidência do PC no Rio Grande do Sul. Juntamente com esta última Dissidência, formaria o POC (do qual se retiraria no começo de 1970). Num sentido contrário, da POLOP sairiam facções fundamentais para a construção de várias organizações que se dirigiram à guerrilha urbana: a Colina, parte da VPR, parte da VAR-Palmares, além de outros agrupamentos menores. Mais adiante, nos primeiros 70, da POLOP sairia a Fração Bolchevique, depois denominada MEP.

O caráter expansivo da POLOP num contexto tão especial da história das lutas de classes no Brasil, sustentado apesar do traumático teste histórico representado pelo golpe militar de 1964, tem sua expressão máxima na elaboração de um documento básico, o *Programa Socialista para o Brasil*, apoiado sobre um conjunto de textos de fundamentação que configurariam um método de análise, um ideário articulado e uma estratégia de luta.

Seria uma precipitação supor-se que tudo isso teria desaparecido pela ação do tempo. É verdade que a memória da esquerda revolucionária brasileira, de um modo geral, dentro da qual encontram-se os registros particulares da POLOP, constitui-se numa dessas realidades que o curso da vida cotidiana confina à vala comum do esquecimento. Tempos de reação, os três últimos lustros decretaram a morte do proletariado, o fim das utopias e, nas franjas do pensamento único que a velha ordem social tentou e ainda tenta impor, a intelectualidade majoritária

permitiu-se criar um índice de temas excluídos do campo das discussões. Contudo, as realizações do passado resistem em sua integridade de fatos consumados, retêm suas próprias luzes.

O presente texto ensaia uma discussão nesse terreno: um olhar sobre uma vertente da esquerda revolucionária dos anos 60 e 70, uma volta ao suposto tempo perdido.

1. A JUVENTUDE: “...Era preciso libertar as palavras...”

Erico Sachs, mais conhecido pelo codinome *Ernesto Martins*, escreveu em 1981 um texto comemorativo dos 20 anos da POLOP. Evocando o contexto em que vivia a esquerda brasileira nos últimos anos 50 e primeiros 60, disse que a nova Organização tomou para si a tarefa de “libertar as palavras de seu caráter de meros chavões”. Essa proposição suscita interrogações: o que havia de errado com as palavras?

Diríamos que todas as palavras básicas do discurso da esquerda estavam presas a grilhões, a um sentido prévio situado fora da órbita da experiência viva. Por exemplo, a singela e tão importante palavra “proletariado”: ela não continha determinações dinâmicas nem alusões a um conjunto de pessoas envolvidas numa modalidade específica de ação prática, vivendo tais ou quais problemas fundamentais de existência. O “proletariado”, falado pela boca da velha esquerda oficial, era um conceito marcado por um idealismo objetivo, por uma determinação já contida em um ou outro manual traduzido de línguas estrangeiras. O ponto de partida era o conceito (...*no princípio era o verbo*...): um certo grupo de pessoas, no Brasil, deveria forçosamente enquadrar-se nesse conteúdo límpido, apriorístico. O mesmo se poderia dizer da palavra “revolução”. A palavra estava dicionarizada em manuais (também traduzidos do exterior) que a prognosticava em detalhes. Tanto que já não aparecia de forma solta (sugerindo dúvidas supostamente ociosas), pois vinha

sempre com um complemento autossuficiente e esclarecedor: “revolução democrático-burguesa” (quer dizer: revolução em etapas, determinadas alianças na primeira etapa, outras alianças na segunda etapa, o esquema era fechado e já dado). E o que dizer da palavra “socialismo”? Também estava nos manuais, ainda que para defini-la fosse necessário recorrer a toda uma gama de palavras previamente instituídas: o *socialismo* adviria como superação da *revolução democrático-burguesa*, quando o *proletariado* firmasse aliança com os *camponeses* e se fizesse ao poder com um partido único, o *partido comunista*. A tarefa do revolucionário seria, em primeiro lugar, assimilar o estatuto já pronto dessas e de tantas outras palavras, que assim apareciam plenas, nítidas e... aprisionadas, inutilizadas.

Declaradamente marxista, de tal modo que se intitulava Organização Revolucionária Marxista, a POLOP encarava de uma maneira radicalmente distinta a sua relação com o pensamento de Marx. O marxismo, como afirma o documento *Caminho e Caráter da Revolução Brasileira*, é, sobretudo, experiência humana pensada e aproveitada. Então era preciso pensar a experiência brasileira, e por esse caminho elevar-se a uma “análise concreta da situação concreta”. Nessa perspectiva, não haveria nenhum manual que nos aliviasse a tarefa, as palavras tinham que ser reelaboradas, ou seja, preenchidas de determinações trazidas de uma observação ativa da vida social brasileira. Em que sociedade vivíamos? Importava combater mitos (como o do feudalismo, como o da burguesia nacional) para chegar-se à conclusão de que o Brasil era uma sociedade capitalista industrial, cujo Estado era composto pela burguesia integrada ao capital internacional e internamente associada ao velho latifúndio, e que, nessas circunstâncias, a única transformação social duradoura seria de caráter socialista. Essa foi uma das primeiras conclusões levadas ao documento básico, o *Programa Socialista para o Brasil*.

E o proletariado? Certamente não seria aquele, o da mitologia dos manuais. Sua importância política no Brasil não aparecia como mera dedução a partir de um destino transcendental já concebido, mas sim como conclusão retirada da análise específica das contradições presentes na vida nacional. E, além disso, o proletariado brasileiro tampouco era uma classe já formada como tal, em condições de exercer os papéis que lhe reservavam os manuais existentes. Na ótica da POLOP, havia no Brasil um operariado em tortuoso movimento prático, que há décadas regredira de uma organização livre, datada dos primórdios da industrialização, para uma atitude de reboque em suas relações com o populismo burguês; regredira à condição de um operariado sem objetivos políticos próprios e sem uma organização própria, pois os sindicatos faziam parte do aparelho do Estado. Então o proletariado, enquanto classe independente, simplesmente não existia ainda no Brasil. Foram esses elementos de uma análise concreta que forneceram a matéria constitutiva dos conceitos estratégicos levados ao *Programa Socialista para o Brasil*: qualquer transformação duradoura na sociedade brasileira exigiria antes a formação do proletariado como classe – com ideologia, ação política e organização independentes das classes dominantes.

Críticos precipitados objetavam quanto ao caráter inexpressivo do contingente numérico da classe operária brasileira. Objeção descabida, pois a análise da POLOP prosseguia em suas considerações fundamentais. Desdenhando as teses transpostas de outras realidades, que mencionavam uma esquemática “aliança operário-camponesa”, o Programa Socialista para o Brasil constatava, pela via da análise histórica, que aqui se delineavam as condições para uma ampla frente dos trabalhadores. Ainda não se conheciam, como hoje, movimentos interclasses de grande envergadura, tais como as mobilizações e organizações populares de bairros, o Movimento dos Sem

Terra, dos Sem Teto, de desempregados, etc. Mas a experiência viva já permitia concluir pela existência de uma gigantesca camada de trabalhadores proletarizados, em sua maioria assalariados, embora também havendo os pequenos proprietários em proletarização, nas cidades, nos campos e na confluência cidade-campo. A história das ligas camponesas e dos sindicatos rurais, assim como a história do movimento estudantil, dos bancários e outros, já esboçavam essas potencialidades, tão evidentes aos olhos do observador de hoje, mais de 30 anos depois. Debruçada sobre a radicalização das lutas no período imediatamente anterior ao golpe de 64, o documento *Caminhos e Caráter da Revolução Brasileira* via no precedente de um movimento de operários e marinheiros, no Rio de Janeiro, um exemplo ilustrativo, ainda que isolado, da possibilidade futura de hegemonia do proletariado numa frente constituída pela ampla maioria da sociedade brasileira, pelos trabalhadores da base da pirâmide social criada pelo capitalismo. O *Programa Socialista para o Brasil* não se dirigia apenas à classe operária: divisava a organização das massas em seu sentido mais amplo, através da consigna da Frente dos Trabalhadores da Cidade e Campo.

Fazia-se necessário, contudo, levar ainda mais longe o combate aos chavões. As concepções mais gerais acerca do movimento comunista mundial apareciam no Brasil demasiadamente presas a um dilema entre fórmulas, das quais a mais forte era, notoriamente, a retórica stalinista ou, talvez, àquela altura, neostalinista. Havia um modelo de revolução solidamente implantado pelo PC, transposto da União Soviética. A alternativa seria um esquema de fórmulas antigas trazidas diretamente do discurso de Trotski, o que não seria tampouco uma solução, por mais que parecessem positivas muitas das posições em seu tempo defendidas pelo fundador do Exército Vermelho. Ademais, naquele contexto já de crise da hegemonia soviética

dentro do comunismo mundial, os dilemas propostos pela esquerda majoritária apareciam no Brasil com nuances variadas, já ultrapassando os antigos termos da luta interna do Partido Comunista da União Soviética. Da distante China, chegavam as ideias maoistas, arrastando com elas todo um conjunto de palavras acorrentadas, de chavões: libertação nacional, unidade do povo, combate ao Estado Fantoche, etc. Por último, o fascínio da revolução cubana estimulava, em outra direção, um idioma centro-americano, o mito do Estado Títere e de uma luta democrática tal como sugerida por uma sociedade rural-oligárquica. A POLOP recusou o comunismo alinhado a esses diversos paradigmas mundiais. Influenciada pelo antigo núcleo crítico e independente dos comunistas alemães (Rosa Luxemburgo, Franz Mehring e August Thalheimer, entre outros) cujo pensamento havia inspirado o ideário da posterior Oposição Comunista Alemã (1929), anti-stalinista, ousou propor a autonomia criadora de uma elaboração original.

2. O ENVELHECIMENTO: necessidades e possibilidades embaralhadas (miragens dentro das trevas)

A maturação do Programa Socialista para o Brasil estendeu-se desde a *Convocatória* para o Congresso de fundação, documento datado de 1960, até o Quarto Congresso da Organização, em 1967. Um processo dramaticamente afetado pelo golpe militar de 1964. Mas o golpe forçou uma rediscussão generalizada dentro das diversas correntes organizadas da esquerda no Brasil e, nesse contexto, a POLOP, já então estruturada em rigorosa clandestinidade, firmou-se como alternativa ao pensamento oficial. As greves de Contagem e Osasco, em 1968, sugeriam possibilidades imediatas para a realização da linha estratégica condensada no recém-aprovado Programa Socialista.

Mas o AI-5, com o terror militar subsequente, interrompeu o processo emergente de um movimento operário radical e jogou por terra o movimento estudantil. Grande parte da classe média aderiu passivamente à nova ordem, ou simplesmente pagou para ver o milagre econômico. O movimento comunista brasileiro, em suas diversas vertentes, entre elas a POLOP, mergulhou numa zona de sombra, isolou-se de suas bases sociais possíveis. A dura travessia dos anos 70 seria aberta com as sucessivas ondas de prisões, que dizimavam em poucos dias os mais variados aparatos clandestinos construídos desde 1964. Vários dentre os quadros políticos mais experientes – precisamente por serem mais vulneráveis ao cerco militar – saíram do país e iniciaram um exílio que se estenderia por quase uma década.

A POLOP endureceu os métodos de segurança para salvaguardar-se do cerco imposto pela ditadura. Desfalcada pelas quedas, renovando-se com quadros cada vez mais jovens, à medida que as lideranças mais antigas conheciam a prisão e a tortura, a sigla mantinha-se em integridade apenas aparente. Por trás da capa da continuidade, a organização concretamente refazia-se numa instabilidade ininterrupta. Novas cabeças, que emergiam e saíam de cena como em ondas, tinham que decifrar o dilema vital entre a teoria e a prática. Pois a elaboração teórica e os êxitos práticos que tanto sensibilizaram o grupo na década anterior abriam expectativas bem definidas quanto ao que deveria ser feito; mas, por outro lado, as novas condições traziam um dado fundamental imprevisto: os trabalhadores não se manifestavam, fazia-se um pesado silêncio no Brasil.

Imersa naquele mundo, dentro da POLOP se perdeu um elo fundamental com a tradição metodológica que presidira a elaboração do *Programa Socialista para o Brasil*. O enigma em que então se transformara a relação entre a teoria e a prática foi resolvido pelo apelo às meras deduções da teoria. Es-

quecendo-se de que a realidade, mesmo que sob aquela forma especial de uma inóspita paralisia, sugeria suas próprias verdades, a Organização operou um giro sobre si própria e passou a tomar como referencial a própria teoria acumulada nas elaborações pretéritas. Impactada pelo vazio aparente do movimento real, voltou-se para os textos. Paradoxalmente, repetia-se o problema que combatia desde o seu surgimento: as palavras desligaram-se do campo das experiências sociais para autoalimentar-se em si próprias. Perderam a dimensão da liberdade, tornaram-se nos grilhões que iriam aprisionar a Organização durante longos anos. Assim voltada para dentro de si, todo consenso obtido internamente seria precário. O referencial arbitrário da pura teoria somente poderia suscitar a cizânia, e esse foi o destino da POLOP durante quase toda a década de 70.

O movimento de volta às raízes partiu do Grupo no Exílio, onde estava Eric Sachs, o *Ernesto Martins*. Os primeiros documentos de crítica lembravam que a codificação das conclusões teóricas no corpo de um programa, como foi o caso do *Programa Socialista para o Brasil*, apenas indicava uma *possibilidade* para o curso da vida prática. As meras possibilidades não podiam validar-se por si mesmas nem ser elevadas automaticamente ao *status* de guia para a prática imediata. O conhecimento das necessidades, por outro lado, tinha que apoiar-se numa reflexão da prática social efetiva e não na mera interpretação da teoria. Dessa forma, o Grupo no Exílio voltava ao ponto de partida dos tempos da fundação. Os textos clássicos do marxismo foram novamente retomados numa outra perspectiva: não como conclusões, mas como premissas. Lembrou-se de Marx: *não basta que a ideia exija a sua realização, é preciso sobretudo que a realidade aceite a ideia*. Lembrou-se de Lênin: *não se pode substituir o primado da prática pelos conceitos histórico-universais: a verdade é concreta*. O grupo começou um lento movimento de recusa às letras mortas. Mas já era muito tarde

para refazer uma organização nos padrões passados, dadas as novas circunstâncias históricas. O ano já era o de 1978.

A história dos “rachas” da POLOP nos anos 70 tornou-se motivo de anedotas em alguns círculos da esquerda. Essa atitude de escárnio se explica, em parte, por um certo espírito autofágico então criado, aqui e ali, pelo isolamento da clandestinidade; e, em parte, porque não poucos segmentos da esquerda já então começavam a transitar explicitamente para fora do marxismo e precisavam de argumentos fáceis para mostrar-se superior à *bêtise* dos marxistas. De uma forma ou de outra, a demolição da memória da militância não seria uma ação dirigida unicamente contra a POLOP, mas contra toda a esquerda revolucionária brasileira. Criou-se uma quase unanimidade, esmagadora e hostil, um rolo compressor contrário a todos os signos de um passado recente, de uma ação política organizada que, em seu devido tempo, parecia heroica. Gerações mais generosas, quem sabe, poderão fazer a crítica da crítica, decompondo e desmistificando, por sua vez, o sentido geral dessa unanimidade condenatória que se abriu contra a esquerda revolucionária dos anos 70. O pensamento da contramilitância poderá talvez ser visto, por sua vez, como mera expressão de um rebaixamento das pretensões humanas, simples reação contra o férreo compromisso com o futuro da humanidade, tão presente na militância revolucionária. E, afinal, onde a reação antimilitância vê o infantilismo da ação concreta da esquerda revolucionária dos anos 70, outros talvez possam ver o “errar criador do pensamento crítico”. Os julgamentos não são nem serão jamais definitivos (mas tudo aquilo que foi feito persiste intocável, em sua irreversibilidade).

No entanto, voltando à POLOP dos anos 70, parece que nem tudo foi confusão. A organização teria conseguido,

naqueles anos trevosos, pelo menos uma elaboração fecundamente original: as teses de crítica que sustentou frente ao movimento pelas liberdades democráticas.

Não se tratava de mais uma volta aos textos para a reafirmação de princípios. A organização argumentava que o movimento pelas liberdades democráticas, tal como desenvolvido na segunda metade dos anos 70, estava limitado ao terreno da ordem constituída, não representava uma plataforma revolucionária de crítica à ditadura e, nessa medida, apenas ajudava a oposição burguesa a retirar “suas castanhas do fogo”, livrando-se dos seus tutores fardados, cuja rigidez e código de continências já eram, então, indesejados. A evolução social e política brasileira, posteriormente, iria dar razão a essa crítica. É certo que a década seguinte foi marcada pela expansão do PT e da CUT, grandes marcos da história das lutas sociais; mas essas grandes novidades nasceram sob a iniciativa das greves de 1978-80, cuja gênese e desenvolvimento estavam desligadas do movimento pelas liberdades democráticas. Esse último teve o seu desfecho na luta pelas Diretas-já, um movimento de índole utópica que se manteve sempre preso a um certo cretinismo parlamentar. Tanto que, quando o Parlamento ultrarreacionário, longamente manipulado pela ditadura militar, finalmente votou contra as diretas, em abril de 1984, o movimento pelas liberdades democráticas não pôde continuar, foi ao chão, imobilizado pelos seus próprios limites legalistas. De certa forma ajudou a Frente Liberal (depois Nova República) a *retirar suas castanhas do fogo* (de dentro da ditadura). Um segundo *round*, avassalador, sepultaria esse movimento alguns anos depois, ao se tornar afinal uma realidade a Assembleia Constituinte (consigna central na plataforma das liberdades democráticas) e cujo epílogo foi a hegemonia do *Centrão*.

3. A incerta hora da morte

O movimento de *volta às raízes* não conseguiu salvar o grupo remanescente da POLOP, nos primeiros anos 80. Numericamente insignificante, isolado do epicentro das grandes mobilizações que envolviam o nascimento do PT e da CUT, ainda fragmentado em minifacções regionais, fez-se uma dissolução lenta sem um desfecho bem definido no tempo.

Entretanto, enquanto o grupo organizado se desfazia, parecia que o PT, em suas posições iniciais, em seus documentos programáticos, assumia – se bem que de forma contraditória – as linhas gerais de uma tese que, já nos idos de 1961, fora defendida isoladamente pela POLOP: a perspectiva de independência dos trabalhadores frente à burguesia, a defesa de uma política independente contra as diluições populistas e os pactos sociais da velha esquerda reformista antes dominante, a reafirmação (implícita, é verdade) de um *núcleo duro* representado pela classe operária industrial no interior de um amplo e multiforme movimento de trabalhadores (esboço de uma *Frente dos Trabalhadores da Cidade e do Campo?*). Essa realidade era, certamente, contraditória: pois, se parecia verdade que o PT assumia uma perspectiva de independência dos trabalhadores frente à burguesia, apoiado sobretudo no núcleo operário do ABC paulista, era também verdade que esse núcleo agia de forma pragmática, afastando-se de um posicionamento ideológico mais definido, recusando discussões mais sistemáticas sobre as perspectivas de longo prazo. Nos espaços em aberto mantidos por essa indefinição, passaram a se desenvolver, dentro do novo partido, facções políticas e ideológicas posicionadas num espectro muito amplo: não faltando, inclusive, uma forte corrente socialdemocrata, que via *valores universais* ali onde a tradição da esquerda revolucionária entendia existir

um inconciliável antagonismo social; tampouco faltando, em dimensão nacional e até aqui com grande êxito arregimentador, uma tendência ao acomodamento institucional, presente numa opção preferencial pelas práticas eleitorais.

A POLOP propugnava, já na sua fundação, em 1961, que a emergência de um proletariado *como classe*, em meio a uma ampla frente de trabalhadores, abalaria a correlação de forças secularmente calcada numa dominação burguesa-latifundiária incontestada. Em 1964, um possível movimento contestatório de massas foi abortado pela intervenção militar. Mas o aprendizado dos trabalhadores prosseguiria sob a superfície, e iria se impor às claras em 1978, daí decorrendo o indisfarçável desconforto desde então revelado pelas classes dominantes brasileiras. Os movimentos de 1978-80 não representavam, ainda, uma ação de classe bem clara em sua plataforma política: a linguagem dominante no movimento tinha, ainda, as ambiguidades de um horizonte muito imediato. Mas, embora dentro desses limites, representavam uma manifestação de ruptura com a tradição de várias décadas de conciliação de classes. As classes dominantes brasileiras sentiram o fato novo e mergulharam numa instabilidade política recorrente nos anos posteriores, entremeada por surtos de estabilidade muito efêmeros, fazendo sobressair-se de forma intermitente um impulso bonapartista.

Os últimos documentos da POLOP observavam a reação agressiva das classes dominantes brasileiras, que assim buscavam avançar sobre os pontos fracos do movimento emergente, visando barrar-lhe novas iniciativas e recuperar o velho *status quo*. Nesse contexto, o movimento dos trabalhadores colocava-se diante de um desafio ditado pelas forças da ordem e, para enfrentá-lo, precisaria livrar-se de todas as heranças remanescentes de um passado no qual apenas figurava como massa de manobra. O acerto de contas com o passado,

dada a urgente necessidade de preparar-se para os desafios do presente, exigia, pelo menos, a depuração radical da organização atrelada, que impregnou o sindicalismo brasileiro desde 1930 e durante décadas funcionou como uma camisa de força imposta pelo Estado.

De modo que uma curiosa circunstância envolve a morte da POLOP: a organização desapareceu num momento em que suas teses se mostravam em sintonia com o movimento histórico real. Num momento em que as possibilidades divisadas nos idos de 1961 e anos seguintes começavam a acontecer concretamente, ainda que numa forma instável e imatura.

Esse paradoxo instiga uma pergunta: se o antigo ideário se mostrava atual e ainda com potencial transformador; o que teria, afinal, morrido? Morreu a sigla, é evidente, acabou o velho grupo, seus últimos integrantes se dispersaram em diferentes caminhos. Mas, isso talvez não encerre o assunto. Se for certo que as perspectivas políticas abertas nos primeiros anos 60 pela extinta Organização estavam presentes na hora da sua morte, como tendência em desenvolvimento no cenário vivo das lutas sociais brasileiras, contendo em si novas possibilidades de desdobramentos para o futuro, se a tendência política em referência efetivamente existe, se ela não é pura abstração, pura fantasia, não seria legítimo concluir-se que a sua organização também existe, subjacente, mesmo que de modo difuso, informe e sem nome?

O ponto final dessa existência agônica, na tormentosa obsessão de ver realizar-se a formação do proletariado como classe e a emancipação dos trabalhadores no Brasil, pode ser, quem sabe, este ponto de interrogação.

REFERÊNCIAS

MARTINS, Ernesto. *Caminho e Caráter da Revolução Brasileira*. Edição mimeografada, 1970.

MARTINS, Ernesto. *Carta de Longe*. Edição mimeografada, 1974.

MARTINS, Ernesto. *Palavras Necessárias*. Edição mimeografada, 1977.

MARTINS, Ernesto. Vinte anos de Política Operária. In: *Revista Marxismo Militante*, Edição Comemorativa dos 20 anos da PO. RJ, 1981.

ORM-PO. *Relatório do CN ao Quarto Congresso*. Edição mimeografada, 1967.

ORM-PO. *Programa Socialista para o Brasil*. Edição mimeografada, 1967.

ORM-PO/Grupo no exílio. *Resoluções de Friburgo*. Edição mimeografada, 1976.

ORM-PO. Um nome e um Programa. 1961. Republicado in: *Revista Marxismo Militante*, Edição Comemorativa dos 20 anos da PO. RJ, 1981.

ORM-PO. Convocatória para o Primeiro Congresso. 1960. Republicado in: *Revista Marxismo Militante*, Edição Comemorativa dos 20 anos da PO. RJ, 1981.

SACHS, Eric (Ernesto Martins). *Andar com os próprios pés*. Belo Horizonte: SEGRAC, 1995.

SADER, Eder (Raul Vila). *Os ensinamentos de Mao e a Guerra Revolucionária no Brasil*. Edição mimeografada, 1968.

PARIS

Você me pediu algo como um olhar panorâmico sobre esse meu período na Europa. Aí seguem algumas impressões.

Começo por Paris. Minha visão sobre essa cidade foi mudando como num giro de caleidoscópio, até estabilizar-se numa representação muito distante da inicial. Cheguei esperando encontrar (que ingenuidade!) imagens da histórica capital das revoluções, em coexistência com as imagens dominantes. Mas, em vão procurei pela memória da Revolução Francesa, da Comuna de Paris, da Resistência, das tradições libertárias, etc. Tudo isso parece estranho à cidade, são registros invisíveis a olho nu (estão restritos aos arquivos e às bibliotecas). Aí estão, bem à vista, a arquitetura do século XIX e anteriores, as resplandecentes paisagens urbanas. Mas, tudo isso nos traz a memória da aristocracia. Vendo os museus, os monumentos, parece que foram os nobres os vencedores de 1789, a cidade é deles. Compartilhada, no máximo, com as elites subsequentes. Essa persistência da memória aristocrática poderia ser explicada, supostamente, pelo caráter de longo prazo dos fatos históricos. Mas, isso seria muito estranho. Por que a *longue durée* alcançaria apenas a nobreza? Por que a memória do povo estaria fora dessa suposta lei histórica, condenada ao rápido desaparecimento? Algumas pistas podem nos levar ao Estado, esse Ente que parece ter o dom de manipular a duração dos movimentos históricos, efetivando a *longue durée* ou anulando-a.

Da Comuna de Paris, nem sombra. Não: há alguma coisa. Conversando com um urbanista francês, de formação socialdemocrata, explicou-me que a última grande reforma urbana de Paris, no último quartel do século XIX, visava facilitar a ação das tropas contra eventuais revoltas *a la* 1781.

Então pensei: Aí está, indiretamente, no traçado das ruas, tão visível, tão ostensivo, o registro indireto da Comuna. Se não podemos ver a própria Comuna, vemos a anti-Comuna, ainda que essa última mantenha um discreto silêncio sobre as suas origens. E, assim sendo, entre palácios aristocráticos e ruas antimitons, a exagerada beleza de Paris também pode ser vista como um manto opressivo, longamente tecido, para esmagar a memória do povo.

E a Resistência ao nazismo, o que ficou dela? Aque-la flama, por que não incidiram sobre ela as forças da *longue durée*?

Acresce que a cidade está literalmente cercada por muros. A Avenida Periférica, envolvendo a cidade, são escarpas de cimento e arame que mantêm ferreamente inalterados os limites da Cidade. No espaço intramuros, o preço do metro quadrado há muito alcançou a estratosfera. Você quer morar em 50 metros quadrados no *arrondissement* mais barato? Terá que pagar pelo menos US\$1.000 por mês. Deve-se supor que sucessivas hordas de quase ricos, ricos e muito ricos ocuparam Paris de forma absoluta, expulsando o povo para os espaços além-muros. O tempo deve ter lapidado pacientemente essa gente intramuros (eis um outro ângulo para se ver as tendências da *longue durée*), selecionando seu nível de renda, sua arrogância, sua introversão individualista.

É nesse ambiente que nasce, cresce e se reproduz a intelectualidade parisiense. Para entendê-la nesses dias que correm, é bom acrescentar ao quadro acima uma circunstância especial: as várias décadas de segunda *belle époque*, os assim chamados 30 anos gloriosos do pós-guerra. Na verdade, esses “30” são mais de 30: são mais ou menos 50, pois a rigor os anos “gloriosos” prosseguem sob Mitterrand e Chirac. Ora, isso é muito tempo. Uma eternidade de vida estável – esta-

bilidade artificial, obviamente, mas, enfim, estabilidade. Esse conjunto de particularidades explica o perfil dominante das Ciências Humanas em Paris: os ciclos de modismos, a falta de criatividade associada à prática da mútua imitação (quantos intelectuais copistas!), tudo isso levando à descoberta de que o mundo teria entrado no “pós-tudo”. Nada a estranhar: tudo tem que ser “pós” nessa vitrine congelada, onde parece que todos selaram um acordo tácito para manter as coisas simplesmente como estão, sem melhorá-las nem piorá-las.

Bem, vamos relativizar. Há sempre o outro lado das coisas. Estou falando da Corte, perdão, de Paris, mas o “povo” está por perto, de qualquer modo, criando contrapontos nem sempre captados pelos teóricos do “pós-tudo”. E aqui vou me referir à segunda grande surpresa que encontrei no meu caleidoscópio parisiense. Um escritor de nome algo bizarro, Vakkaloulis (Michael Lowy me disse que se trata de um jovem), um dos intelectuais dissidentes que vive dentro desse mundo, talvez não tenha exagerado ao lembrar Marx para dizer que a França de hoje volta a ser um palco emblemático das lutas de classes. As lutas sociais de 1987 e de 1995, que pouco ecoaram no Brasil, trazem importantes fatos novos: em 1987 surgiram as Coordenações. Alguns, como Toni Negri, parecem-me que exageram ou que especulam demais ao dizer que se trata da forma organizatória própria ao período pós-fordista ou a forma enfim encontrada “de realização do comunismo”. Esquematismos à parte, as Coordenações passaram por cima dos sindicatos burocratizados, essas heranças dos 30 ou 50 “anos gloriosos” e reafirmaram a vitalidade das ações de classe (Castoriadis escreveu um belo texto sobre isso). Em 1995, a experiência prosseguiu de forma mais ampla. Consta que Touraine abominou publicamente aquele movimento, pelo seu caráter “selvagem”, por desrespeitar a ordem natural do “pós-tudo”. A grande novidade de 1995, além da reafirmação de formas de

democracia direta esboçada em 1987, foi a confluência de uma vasta rede de gente assalariada, sugestivamente unificada sob a consigna de *tous ensembles*, como se o mundo do trabalho houvesse superado suas fragmentações internas. Desempregados, aposentados, gente sem categoria definida, etc., compunham a ação coletiva. A Vakaloulis e a outros autores próximos não escapa, porém, um detalhe: o vasto movimento de 1995 tinha um “núcleo duro”, os *cheminots* (ferroviários dos RER, TGVs, metrô). Portanto, em 1995, o mundo de fantasia do “pós-tudo” foi percorrido por uma demonstração de solidariedade ativa entre os trabalhadores contra o capital, numa manifestação exemplar de luta de classes. Enquanto isso, os mesmos anos 90 presenciam, principalmente a partir de 1994, a participação francesa na emergência de organizações operárias supranacionais, os Comitês de Empresa Europeus, ainda que num processo de evolução conflituosa e incerta. Esse conjunto de acontecimentos representa o outro lado do reluzente espelho parisiense; é o mundo que ronda Paris.

Prossigamos com o caleidoscópio. Coincidiu que eu cheguei a Paris no começo de março, há pouco mais de seis meses. Logo iriam começar os bombardeiros sobre a Iugoslávia. Por isso, pude ver a guerra do começo ao fim, num camarote de horrores. Terrível espetáculo. Meu camarote, bem entendido, era uma cadeirinha em frente à TV onde os noticiários mostravam, diariamente, aquele terror sem limites, aquela catástrofe. Naquela época, o *Le Monde* publicou uma pesquisa concluindo que a maioria dos parisienses apoiava os bombardeios da OTAN, com a participação francesa. Então eu me lembrei de uma revista que li às vésperas desta minha viagem: uma retrospectiva dos Manifestos dos intelectuais franceses, essa (suposta) tradição de independência crítica que a citada Revista buscava simbolizar com o *Eu Acuso* de Zola. Quem sabe, portanto, viriam manifestos críticos, derrubando as ver-

sões dominantes sobre a Guerra. Não vieram. Sim, vieram, mas de círculos muito específicos: dos sindicatos, das bases estudantis (presenciei, na Universidade de Paris-8, a movimentação de lideranças estudantis contra a guerra), do antigo PCF e das organizações trotskistas, tudo isso de impacto limitado a plateias já cativas. Mas, e os “grandes” intelectuais que ocupam o centro da mídia acadêmica e exportam novidades (requeentadas)? Cadê os seus manifestos críticos? Nada. Prevaleceu, na mídia, a unilateralidade da versão oficial quanto à “guerra étnica”, que deveria ser detida pela civilização.

Guerra étnica! A TV e os jornais assim o faziam crer. A historinha era simples: sérvios e albaneses nutriam hostilidades atávicas (neutralizadas no pós-guerra, mas esse detalhe não perturbava a lógica interpretativa oficial) e, agora, os sérvios iam longe demais. Os grandes intelectuais, pelo seu silêncio, deviam estar concordando. Pouco se lhes importava se os bombardeios diários, envolvendo uma parafernália bélica impressionante, partiam de potências capitalistas que nenhuma relação tinha com as alegadas razões étnicas. Mas foram esses pesos-pesados (França, Inglaterra, Alemanha, Itália, Espanha, evidentemente liderados pelos Estados Unidos) que potencializaram o conflito étnico originário, que catalisaram seu desenvolvimento, que extrapolaram infinitamente suas possibilidades intrínsecas, que enfim fizeram acontecer a guerra. Esses países da OTAN pouco se ligavam nas razões étnicas de nacionalidades que eles nem conhecem nem fazem questão de conhecer – pois o que queriam era mesmo fixar uma determinada ordem mundial imperialista. Mas os grandes intelectuais, os tais da suposta tradição indomável de manifestos e coisas tais (na verdade, os copistas), talvez houvessem antes se comprometido demais com o banimento do conceito de imperialismo, de modo que preferiram, quem sabe, melhor calar.

Devo concluir essas impressões ligeiras, mas não sem antes falar da xenofobia reinante.

Esse termo merece ressalvas. Não me pareceu que aquela gente parisiense esnobasse de forma xenofóbica os americanos, tampouco os alemães nem assemelhados. A xenofobia mostra-se seletiva. Dirige-se contra a periferia do mundo capitalista, na qual tanto mamaram e ainda mamam (pessoal ingrato, não?). Também não me pareceu que partisse exclusivamente de algum segmento social específico. Sem querer teorizar, apenas testemunhando, vi manifestações dessa ordem partirem de todos os cantos, inclusive de dentro de ambientes intelectualizados. E também do Estado, não daquele que se vê oficialmente, mas do outro, que vai ajudando a chocar os ovos da serpente. Tive a suprema infelicidade pessoal (erro do tipo que só se comete uma vez na vida) de precisar frequentar uma Sub-Delegacia de Polícia para solicitar a carta de *Séjour*. Desci ao inferno. Não vou cair no mau gosto de contar todos os episódios que presenciei, seria um rosário. Apenas alguns flashes de um dia na fila (e foram muitos os dias, precisei de dois meses para conseguir a tal carta, assim mesmo em circunstâncias especialíssimas que poderei contar em outra oportunidade): pois, nesse dia que tomo como exemplo, vi uma mulher de algum país do Leste Europeu, bem ao meu lado, na fila, ser tratada aos gritos por uma francesa com sinais de provável histeria (mas que seria, em todo caso, uma histeria consentida) que, do outro lado do guichê, recebia os humanoides que buscavam o *Séjour*. Vi um senhor negro e de idioma africano, já de cabelos brancos, ser tratado de forma insultuosa e também aos gritos – e dessa vez quem gritava era um esbirro ainda mais insignificante da máquina estatal. Fora da Sub-Delegacia, que não se esperasse por um mundo idílico. Sair na rua é assim como uma loteria viciada, onde você sempre tem uma grande chance de

sofrer algum tipo de constrangimento – naturalmente se você deixa transparecer que vem da “periferia” do mundo. Etc., etc.

Claro: se você entra na cidade como turista e se mantém nos círculos respectivos, não verá nada disso.

Marx viu em Paris dois fenômenos distintos que – sem querer com isso dizer que ele falou coisas válidas para sempre – são curiosamente atuais. Num momento, Marx viu em Paris, ou melhor, na França, o triunfo de uma farsa de grandes proporções, onde figuras insignificantes, mas opressivas pou-savam com grande pompa, o reino da imitação e do embuste; em outro momento, Marx viu na França o lugar por excelência das lutas de classes. Tanto tempo depois, tantas mudanças no mundo e, no entanto, essa dualidade aparece novamente. De um lado, Paris é uma promessa de luta. Mas uma promessa de algo que poderá vir de fora dela, como no clarão de 1995 – pois no intramuros com certeza há algo de podre. Por trás dos falsos anúncios de “Cidade Luz”, esconde-se essa outra realidade, quando então Paris aparece plenamente, sob a forma desse ninho de cobras preconceituosas.

Quem poderá adivinhar o que resultará dessa situação?

Victor

Saint-Mandé, 09/1999.

UM OLHAR SOBRE CUBA

A recente participação de um grupo de professores da UEFS no II Taller Internacional de Ciências Políticas, na Universidade de Havana, enseja algumas reflexões sobre a sociedade cubana. A primeira impressão que se tem de Cuba, na perspectiva de quem chega como turista, é negativa: uma bizarra frota de carros com predominância de modelos dos anos 40, 50 e 60, a fachada deteriorada dos casarões de Havana Velha, um fervilhante mercado negro de charutos e uma intensa movimentação de prostitutas nas proximidades dos grandes hotéis, – tudo isso sugere um mundo em decomposição. Essa impressão inicial, no entanto, é apenas indicadora de uma espuma de superfície que flutua sobre a capital da Ilha, subproduto indesejado das mais recentes disposições econômicas.

Para ter-se uma ideia aproximada do que se passa em Cuba, é preciso antes atravessar essa camada episódica que a envolve. É necessário ir além, acercando-se à lógica de Período Especial, denominado oficial da política posterior à queda do bloco socialista. Efetivamente, a derrocada da URSS parecia ter ferido irremediavelmente a frágil economia cubana. As exportações caíram em 75%, as importações em 70%. O fundo do poço foi alcançado em 1993, quando a produção interna de mercadorias desceu à metade, comparativamente ao final dos anos 80. Observadores mais esquemáticos diziam: Cuba não resistirá, cairá como as sociedades do Leste europeu. Contudo, desde então se passaram cinco anos, e a economia cubana se recupera. O movimento é lento, porém, claramente ascendente.

Os desequilíbrios na balança comercial e de pagamentos e o déficit público caíram, a produção cresceu. O racionamento de emergência, embora continue, foi relaxado.

As reformas em curso buscam substituir a **planificação material**, anterior, pela **planificação financeira**. Hoje várias moedas circulam em Cuba: o peso cubano, o peso conversível e o dólar dos Estados Unidos. Com a redução dos desequilíbrios financeiros fundamentais, dramaticamente acelerada com a intensificação do turismo internacional, as autoridades monetárias pretendem criar condições para a sustentação de reservas em dólar, de modo a permitir o saneamento monetário com vistas à circulação exclusiva do peso conversível. Simultaneamente, está em andamento uma reforma do sistema bancário, com a introdução maciça de computadores e redução do pessoal empregado, com os excedentes realocados em outras atividades.

Na indústria, a modernização está sendo promovida em meio à diversificação dos tipos de propriedade: das empresas estatais, que continuam majoritárias, às empresas mistas e híbridas, algumas com a participação do capital estrangeiro. O grande objetivo é a elevação da produtividade da mão de obra, onde os avanços alcançados ainda são considerados modestos, como nos informa o economista Fernández Font, professor da Universidade de Havana. Os incentivos materiais à produtividade preveem pagamentos de adicionais sobre o salário básico e a redução relativa do pessoal empregado na indústria.

Essas medidas provocarão, inevitavelmente, uma diferenciação social, quebrando até certo ponto, o igualitarismo radical das décadas anteriores. Ganharão mais os trabalhadores mais eficientes, assim como todo o pessoal envolvido nas atividades de infraestrutura turística, onde circula o dólar e onde são permitidas um sem número de transações privadas: aluguéis de quartos a turistas, abertura de restaurantes privados, etc.

Mas essa diferenciação social vem sendo monitorada pelo estado, através de uma severa taxaço sobre as rendas

privadas – um dos pilares da política de elevação da poupança interna. O controle social, a diferenciação social corresponde a uma opção básica da sociedade cubana: a decisão de preservar as conquistas fundamentais do Estado fundado em 1959-61, isto é, a educação e a assistência médica para todos, o direito à habitação e a uma quota básica de alimentos também para todos. Enquanto esses direitos básicos forem respeitados, a diferenciação social será limitada. É matemático: numa sociedade de escassez, se grande parte da riqueza social é canalizada para os direitos comuns, não sobra muito para o consumo dos estratos superiores. Aí parece estar o cerne do enigma cubano.

Um dos lugares comuns mais difundidos acerca de Cuba é aquele que assegura que a Ilha aguarda pelo período pós-Castro, para então mergulhar na diferenciação social aberta. Esse raciocínio elude um dado essencial: o fato de que a manutenção das conquistas sociais já referidas corresponde aos interesses de milhões de cubanos, muito ciosos de sua importância e dispostos a defendê-las. Aliás, se Cuba estivesse na dependência apenas do carisma de uma liderança, se fosse tão vulnerável, já teria caído. Afinal, Cuba vive uma guerra velada, mas real, com os Estados Unidos. O bloqueio econômico, radicalizado quando a economia cubana batia no fundo do poço, é um implacável mecanismo de estrangulamento somente contornável via um hábil aproveitamento de brechas diplomáticas, por onde fluem – a preços mais altos – os insumos necessários à reprodução da economia da Ilha. Situada a dois passos do seu poderoso inimigo, Cuba se equilibra sobre uma lâmina inexorável. Atribuir-se tal façanha à mera longevidade de um líder seria afastar-se do raciocínio analítico para mergulhar-se no universo das lendas.

A atual sociedade cubana sobrevive porque suas realizações básicas atendem aos interesses de milhões de pessoas.

A lógica parece simples: todas as crianças estão na escola, a Universidade realiza pesquisas de vanguarda e todos os cubanos têm assistência médica de primeira linha. Logo, dados os limites da riqueza nacional, a renovação da frota de carros tem que esperar; a restauração da fachada dos prédios também tem que ficar na lista de espera. Se a fórmula se invertesse, então muitos meninos – mais uma vez considerando-se os limites da renda nacional – teriam que sair das escolas e frequentar as ruas, a Universidade recuaria à indigência terceiro-mundista, a saúde pública desceria aos níveis do submundo, e muitos mergulhariam na miséria absoluta. A maioria do povo parece entender que essa é uma lógica cruel, mas aposta no futuro.

Uma das mais hábeis realizações da moderna sociedade cubana, no plano ideológico, foi a vinculação entre a ordem social vigente e os ideais nacionais, profundamente enraizados na consciência coletiva. O cubano médio percebe que o desmoronamento do atual *status quo* redundaria na renúncia à nacionalidade. Não por acaso, respira-se por toda parte a presença de José Martí.

Essa fronteira viva entre jacobinismo e socialismo é, neste final de século, um monumento à persistência humana. Cuba é hoje um desses raros exemplos de vitória da improbabilidade.

Parte Final

MILITÂNCIA POLÍTICA DE VICTOR MEYER⁶

Victor nasceu em Salvador em 16 de julho de 1948. Passou a sua infância e o início da adolescência na cidade de Alagoinhas/BA. Aos quatorze anos foi para Salvador cursar o 2º grau no Colégio Central, concluindo-o no ano de 1966. No início de 1967 prestou vestibular para o curso de Geologia e Física na Universidade Federal da Bahia (UFBA), tendo sido aprovado em ambos os cursos. Optou por Geologia. Porém, por perseguição política, só pôde frequentar o referido curso até o ano de 1969. Logo que ingressou na UFBA, filiou-se ao Diretório Acadêmico do curso de Geologia, tendo sido eleito seu presidente em 1969. A exemplo de muitos estudantes de sua época que militavam no Movimento Estudantil, conviveu com as mais variadas correntes políticas de esquerda que estavam presentes nas universidades do país, no meio estudantil. No início de 1968 ao entrar para a Organização Revolucionária Marxista (ORM – conhecida como POLOP) começou a utilizar o codinome Vicente, depois Darci, e assinava seus artigos na revista Marxismo Militante como Edson Campos. Organização esta que passou a denominar-se POC (Partido Operário Comunista) em 1969 e posteriormente, em 1972, OCML-PO (Organização de Combate Marxista Leninista – Política Operária).

A partir de 1968, o movimento estudantil radicalizou-se no mundo. Não foi diferente no Brasil. Na Bahia também. Em 1969, os estudantes da UFBA, em greve, tomaram e ocuparam a Faculdade de Filosofia. O resultado foi uma rápida reação da Polícia Militar invadindo os recintos da faculdade com violenta repressão. Como presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Geologia e militante de organização de esquerda

⁶ Esta breve biografia de Victor foi extraída e adaptada da petição que instruiu o seu processo junto ao Ministério da Justiça – Anistia.

clandestina, precisou pensar em sua segurança pessoal e não teve outra saída a não ser pular a janela dos fundos da sala de aula da Faculdade de Filosofia e fugir para não ser preso. Esse fato o obrigou a ficar alguns meses escondido (momento que marcou o início de sua clandestinidade), e, conseqüentemente, a abandonar os estudos que o levariam a ser geólogo. Foi então que a Direção Nacional do POC achou mais seguro mandá-lo para São Paulo, onde ele passou a atuar politicamente a partir de 1970. Em 1971, devido a sua intensa militância política, figurou como acusado nos autos oriundo do inquérito policial instaurado no DOPS, que visava apurar “ações subversivas de elementos pertencentes à entidade denominada OCML-PO e propagação de propaganda subversiva”. Seu nome também apareceu como militante e dirigente em outros documentos do Ministério do Exército.

Na clandestinidade (que durou de 1969 até fins de 1977), passou por toda sorte de privações econômica, social e familiar, e viu-se obrigado a trocar constantemente de moradia por motivo de segurança; nesse período, morou em Salvador, São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Precisou viver com outra identidade, pois a partir de 9/11/72 passou a ser procurado mais sistematicamente, por força do mandado de prisão. Nessa época, foi decretada a prisão preventiva de Victor, em inquérito em que ele foi qualificado indiretamente pelo Delegado do DOPS. Em 1974, adoeceu de pneumonia em decorrência das péssimas condições de vida na clandestinidade. Foi internado no Hospital das Clínicas com identidade falsa. Foi levado, então, para a cidade de Alagoinhas/BA com esquema de segurança articulado pela Organização. Curado, retornou para o Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano, foi absolvido em 1ª Instância pela 2ª Circunscrição Judiciária Militar. A Direção Nacional da Organização achou por bem que ele retomasse a sua identidade. Não pensavam, tanto ele como a Organiza-

ção, que o seu processo fosse tramitar em grau de Recurso no Superior Tribunal Militar na tentativa de reverter o veredicto e condená-lo. Por esse motivo, entre 1974 e 1977, voltou a viver na clandestinidade. A partir de 1975 passou a viver com Eliza, companheira de militância que conhecera em São Paulo em 1972, anistiada em 1979 com a Lei da Anistia, a qual revogou o Mandado de Prisão contra ela expedida após sua condenação. Foi, juntamente com ela, responsável pelo aparelho de imprensa nacional clandestina até 1980. Esse período foi muito difícil de administrar, na medida em que tinham que manter uma vida normal a ser apresentada para a sociedade e uma outra oculta, muito vigilante e com forte esquema de segurança para que a repressão política não viesse a desarticular a imprensa sob sua responsabilidade. A Organização passava por extrema dificuldade econômica durante todo o período. Não pôde mais auxiliar financeiramente os militantes clandestinos. Reflexo do duro golpe que a Ditadura Militar desferira mais sistematicamente sobre a Esquerda em geral, após 1970. Percebeu que era preciso, por uma questão de sobrevivência pessoal, retomar a vida que fora seccionada em 1969, quando não pôde concluir seus estudos universitários e se tornar geólogo. A partir de 1975, no Brasil, começava-se a respirar um ar menos pesado. Eram os primeiros sinais da abertura do sistema político. Era o início do fim da Ditadura Militar. Decidiu então voltar a estudar para finalmente ter uma profissão, mesmo que sua condição de clandestino se mantivesse, por força do Recurso no STM já citado. Assim, em 1976, prestou vestibular para o curso de Economia na UFRJ e foi aprovado. Aos poucos, passou a tomar medidas para reorganizar a sua vida pessoal e profissional. Tornou-se efetivamente cidadão livre com o trânsito em julgado do acórdão do E. STM em 1977, o qual confirmou a sentença absolutória de 1ª Instância. Só assim, em 23/08/1978, pôde providenciar a sua Carteira de Trabalho e Previdência Social. No início em 1979, nasceu Ana,

sua primeira filha. Em fins de 1980, livre da responsabilidade de manter uma imprensa clandestina, formado em economia e com a sua família agora maior, após o nascimento de Lia, sua segunda filha, prestou concurso para o Banco do Brasil, tendo sido aprovado. Porém o seu destino não era ser bancário. Em 1986 tirou licença não remunerada do banco e foi contratado para professor da Universidade Católica de Salvador enquanto fazia Mestrado na UFBA. Retornou ao banco, porém por pouco tempo. Fizera transição gradativa para ser somente professor. Era o que gostava de fazer. Foi aprovado em concurso para Professor Efetivo da Universidade Estadual de Feira de Santana/BA, onde já havia sido professor substituto no período em que cursava o mestrado. Dando sequência aos seus estudos, inicia, em 1997, o curso de doutorado em Administração Pública na UFBA.

Victor Augusto Meyer Nascimento entrou para a organização de esquerda e militou, sempre, com o sonho de ver a emancipação da classe trabalhadora, e dedicou a sua vida à militância em prol de uma sociedade mais justa e igualitária. Essa convicção manteve-o em toda a sua existência. Em 18 de dezembro de 2000, defendeu sua Tese, resultado de um estudo profundo sobre as novas formas emergentes de organização internacional da classe trabalhadora no mundo capitalista, agora globalizado. A sua tese foi transformada em livro publicado em setembro de 2001, cinco meses após o seu falecimento em Salvador, no dia 17 de abril, em decorrência de um câncer.

Eliza Tieko Yonezo

UMA BREVE RETROSPECTIVA DA VIDA DE VICTOR⁷

Eliza incumbiu-me de trazer, para todos os presentes, traços que evocassem a vida de Victor. Como seu irmão mais velho, meu depoimento talvez não fosse muito fiel, diante da profunda admiração que sempre tive por ele e da imensa dor que sinto neste momento.

Todavia, a despeito da admiração, a despeito da dor, sei que conseguirei retratar com fidelidade a trajetória de Victor, por uma razão muito simples: Victor era tão transparente, tão digno, tão autêntico, tão verdadeiro, que não deve ser difícil, mesmo neste momento, reproduzir com fidelidade sua trajetória de vida. Ao longo de muitos anos, acostumei-me a testemunhar a reação de dezenas e dezenas de pessoas que tiveram o privilégio de conhecê-lo de perto, muitos dos quais estão aqui presentes: invariavelmente manifestavam-se gratificados e, até mesmo, surpresos por se depararem com alguém que tinha o dom de conciliar o extraordinário intelectual que era com a imensa pessoa humana cuja simplicidade chegava a ser desconcertante. Quem quer que o abordasse, logo identificava a presença de um ser humano excepcional, pela mansidão de sua voz, de seus gestos e de suas atitudes. Quem estreitasse a aproximação, logo percebia a doçura que ele reservava para a família, a vigorosa solidariedade que ele destinava aos amigos, aos companheiros de luta, aos colegas de trabalho, e, enfim, certamente haveria de identificar o maior de seus traços, a linha mestra de sua personalidade: uma noção universal, cósmica de justiça social.

⁷ Reprodução da fala de Fernando Meyer, durante a cerimônia de despedida de Victor, Salvador, 17 de abril de 2001.

Avaliar a trajetória de Victor como político (na mais pura acepção do termo), como economista, como professor, como escritor, como palestrante, como articulista, enfim como um excepcional ideólogo, como um profundo pensador, não é isso que estamos a fazer. Não seria este o momento, não seria eu a fazê-lo. Esta tarefa, Eliza já a solicitou a companheiros que pontilharam sua militância política e a professores que compartilharam com ele o debate e os trabalhos acadêmicos. Um texto, neste sentido, deverá prefaciá-lo o livro que em breve deverá ser editado, último produto de sua inquietação intelectual, concluído há apenas quatro meses: **“CADEIAS ORGANIZATÓRIAS OPERÁRIAS DENTRO DAS MULTINACIONAIS: UM FENÔMENO INTERNACIONAL EMERGENTE”**.⁸ Esta é sua tese de doutorado, denso texto de mais de 200 páginas, integralmente digitado por ele durante o ano passado, já com seu corpo físico gravemente doente, mas com sua mente intacta, como testemunharam aqueles que assistiram sua brilhante defesa de tese, no dia 18 de dezembro passado.

Vamos, portanto, apenas delinear sua trajetória de vida.

Victor nasceu em Salvador, há 52 anos e alguns meses. Sua infância e adolescência viveu-as em Alagoinhas. Muito jovem, com 13 ou 14 anos, já se desenhava sua vigorosa vocação, fosse pela precoce disposição para leituras densas, fosse pelo “Clube de Leitura” que criou em nossa própria casa, fosse pela militância no grêmio do Ginásio de Alagoinhas, logo se-quenciada pela liderança que exercia, já em Salvador, entre os colegas do Colégio Central.

⁸ A tese foi publicada pela editora Casa da Qualidade em 13/09/2001 com o título: “REAÇÃO – Articulação e organização internacional dos trabalhadores ante a globalização – um fenômeno emergente”.

A despeito de sua devoção pela leitura e de sua permanente preocupação com as questões sociais, Victor também se destacava como excepcional estudante de Física e de Matemática. Esta sua outra vertente levou-o a cursar Geologia na UFBA, a partir de 67, ingressando em uma escola que, na década de 60, destacava-se no âmbito dos cursos universitários brasileiros. A militância política e a preocupação social, todavia, ali estavam latentes. No terceiro ano de Faculdade, em 1969, Victor foi eleito para a presidência do Diretório Acadêmico, o que bem atesta seu carisma e sua liderança.

Estávamos às portas da promulgação do AI-5. Naquele Victor cavalheiresco e gentil a que há pouco nos reportamos, convivia, também, alguém profundamente firme em suas convicções e disposto a mantê-las, mesmo às custas de grandes sacrifícios pessoais. O confronto com o Governo Militar e o subsequente “mergulho” na militância clandestina tornaram-se inevitáveis.

Durante os próximos seis anos (1969 a 1975) vamos encontrá-lo em pontos distintos do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Minas Gerais, correndo graves riscos, mas ciente da importância do seu papel como um dos principais teóricos do movimento “Política Operária”, responsável pela edição dos textos e participando também do esquema logístico de sua distribuição entre os militantes. E com quem nos deparamos, em São Paulo, em 1970, também integrante do esforço de “imprensa” do movimento? Eliza, companheira de militância, inicialmente, companheira para toda a vida, a partir de 1975.

Em 1976, voltamos a encontrá-los, Victor e Eliza, no Rio de Janeiro, agora tentando sair da clandestinidade. Estávamos no governo Geisel, os dias mais duros já tinham sido superados e Victor estuda Economia na UFRJ, entre 76 e 81. Neste período, em 79 e em 80 nascem Ana e Lia. É tempo,

também, de um emprego formal, no Banco do Brasil, a partir de 1981. O trabalho no Banco distanciava-se do seu perfil e de suas inquietações. Mesmo assim, ele chegou a ocupar cargo de Assessor da Superintendência Regional da Bahia. Passou 16 anos no Banco do Brasil, somente se desligando em 1997.

Em 84, encontramos-lo, com a família, de volta a Salvador. No período de 87 a 92 faz, na UFBA, seu Mestrado em Economia. Sua tese, orientada pelo Professor Milton Santos Filho, transforma-se em um livro: **“DETERMINAÇÕES HISTÓRICAS DA CRISE DA ECONOMIA SOVIÉTICA”**, publicado pela editora da UFBA em 1995.

Em 88/89 e de 97 aos dias atuais, atua como professor do curso de Economia da UEFS, também na UCSAL, a partir de 1994.

Ao longo das décadas de 80 e 90 sua produção intelectual e aquele seu senso cósmico de justiça social a que nos referimos e que muitos dos presentes tão bem conhecem, avolumaram-se, adensaram-se e, concomitantemente, tornaram-se ainda mais refinados, perspicazes e clarividentes. Neste período, Victor produz intensamente dezenas de artigos para revistas nacionais e internacionais, em geral especializadas em Economia. Há um precioso conjunto de artigos feitos para a *Gazeta Mercantil*, ao longo do ano de 98. Neste mesmo ano participa, como palestrante, durante o “II Encontro de Ciências Políticas”, na Universidade de Havana.

Em 97 inicia o seu doutorado em Administração Pública, na UFBA. Para elaboração de sua tese, orientada pelo Prof. Nelson Oliveira e citada no início destas reflexões, estagia durante o ano de 99 na Universidade de Paris VIII e amplia sua coleta de dados na França e Espanha. Redige a tese ao longo do ano de 2000 e a defende em dezembro passado,

sendo aprovado com distinção e obtendo a recomendação da banca para publicação.

Também durante o ano de 2000, reata seus laços com a Alagoíhas de sua infância e adolescência e inicia um trabalho, não concluído, voltado para o resgate da memória dos ferroviários daquela cidade, que remonta a meados do século XIX, com a instalação, em Alagoíhas, de grande oficina que centralizava a manutenção de locomotivas e vagões que transitavam em larga região do nordeste brasileiro.

No mês de março passado, há apenas 20 dias, recebeu, felizmente ainda em vida, sua última distinção acadêmica: a UFBA lhe conferiu o título de Doutor em Administração Pública.

Antônio Fernando Meyer Nascimento

CARTA AO AMIGO

É muito difícil escrever sobre Victor a poucos dias da sua morte.

Conheci Victor ainda criança e fui seu amigo em todas as fases da vida. Na imagem mais remota que retenho, estamos juntos na infância, em Alagoinhas, paramentados em vestes azuis e brancas, numa procissão. Na mais recente, na sala de sua casa, ao lado da família, em Salvador, há pouco mais de um mês. Entre esses momentos, partilhamos grupo de escoteiros, o mesmo Ginásio de Alagoinhas, o mesmo Colégio da Bahia, a mesma Universidade Federal da Bahia, os movimentos estudantis da década de 60, a luta contra as bases sociais da Ditadura nos anos de chumbo, a volta à universidade, o ingresso mais tarde aí, como professores; nossos filhos são da mesma geração e partilham memórias da vida de seus pais que se cruzam em muitos pontos.

Victor se destacou entre sua geração como um jovem extraordinariamente talentoso e estudioso, comprometido profundamente com a ética e a política, com as lutas sociais em busca da justiça social, protagonizadas pelos trabalhadores. Perseguido pela Ditadura Militar, viveu grande parte de sua vida em condições materiais e pessoais muito adversas.

Comungamos por muito tempo as mesmas perspectivas políticas.

Por elas nos separamos por algum tempo, mas sempre mantivemos a amizade. No período em que estivemos assim afastados, sua grandeza pessoal tornou-se para mim mais nítida. Sua lealdade pessoal, a delicadeza, a solidariedade, conviviam com a inflexível e paciente defesa de seus pontos de vista.

Victor foi uma pessoa muito lúcida na apreensão da realidade e marcou pessoalmente a todos os que com ele conviveram em qualquer época, por sua simplicidade, respeito e afeto. Conviveu com operários e intelectuais em relações igualitárias inspiradas pela utopia que guiou sua vida e eram parte visceral do seu ser. Uma característica muito forte marcou sua vida política e pessoal, aqui entrelaçadas: a crítica, ao mesmo tempo prática e teórica, ao que se chama de modo convencional “culto à personalidade”.

Victor é um anjo torto, um daqueles homens imprescindíveis de que fala Brecht. Sinto que permanece entre nós.

Belo Horizonte, abril de 2001

Rogério Cunha de Campos

Fotos



Victor no colo do seu pai, Vitor José, ao lado da sua mãe, Maria de Lourdes, e dos irmãos Fernando e Conceição.
Alagoinhas/BA, 1949.



Victor (à esquerda) ao lado dos irmãos, Conceição, Fernando e Roberto. Alagoinhas/BA, 1956.



Carteira de estudante do Diretório Acadêmico de Geologia, UFBA, do qual era presidente. Salvador/BA, 1969.



Victor. Rio de Janeiro, RJ, 1970 ou 1971.



Victor e sua companheira, Eliza Tieko.
Maringá, Paraná, 1977.



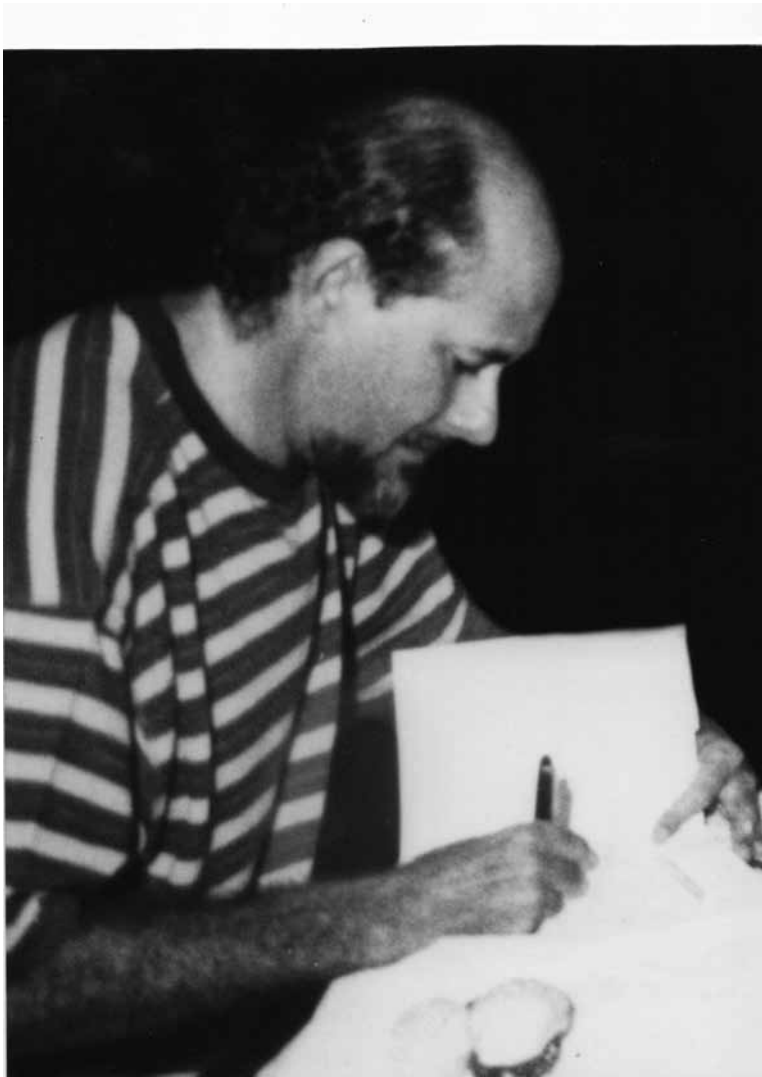
Victor e Ana, sua filha primogênita. Rio de Janeiro, RJ, 1979.



Victor e Lia, sua segunda filha. Rio de Janeiro, RJ, 1981.



Eliza, Ana e Lia. Rio de Janeiro, RJ, 1981.



Sessão de autógrafos no lançamento do livro de Victor
“Determinações Históricas da Crise da Economia Soviética”.
Biblioteca Central da UFBA, Salvador/BA, 1995.



Apresentação do trabalho de Victor no “II Taller de Economía Política”, realizado na Universidad de la Havana. Havana, Cuba, 8 a 10 de julho de 1998.



Victor digitando a sua tese de doutorado. Salvador/BA, 1998.



Victor e Eliza no Parque del Retiro. Período em que realizou pesquisa com membro da *Comisiones Obreras*.
Madri, Espanha, 1999.



Victor Augusto Meyer Nascimento (1948-2001) foi um intelectual militante marxista baiano que pertenceu à Organização de Combate Marxista Leninista – Política Operária, nos tempos da ditadura militar. Era Mestre em Economia e Doutor em Administração Pública pela Universidade Federal da Bahia. Foi Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana e da Universidade Católica de Salvador.

"Meu irmão alugara uma casa para que eu me refugiasse. Os ecos de 1968 já silenciavam, depois daquele 13 de dezembro. Para o nosso refúgio, convidei Adolfo, Matos e Pinheiro. Nosso esconderijo na Boca do Rio seria provisório, esperávamos a volta das multidões de 68. É verdade que, pouco antes de rumarmos para lá, li os últimos prognósticos escritos pelo Velho. Não lembro detalhes, mas previa-se uma 'noite de São Bartolomeu'. Não conhecia a expressão; confusamente, pressenti uma misteriosa densidade de acontecimentos à minha frente. E, embora Salvador não estivesse à testa dos acontecimentos, logo adviria entre nós um primeiro sinal dos tempos, prenúncio da noite que se anunciava: a primeira queda na seção baiana da Organização, a de Sílvio (também estudante, porém membro da célula operária), embora imediatamente revertida numa fuga espetacular, depois que Sílvio, habilmente, desfez a fechadura das suas algemas, saltou pela janela de uma das cidadelas inimigas sediada nas proximidades da Praça da Sé e correu, correu, iria mergulhar fundo no labirinto durante anos e anos sem que os seus perseguidores jamais conseguissem alcançá-lo. No nosso esconderijo, líamos, coletivamente, poesias de Pablo Neruda (...vais gastar teus sapatos, mas vais crescer caminhando...). Era Pinheiro quem lia... Ocorre-me, ainda, que a imersão no labirinto, aos meus olhos, poderia ter sido bem antes, naquele outono de 1967, eu entrando pela primeira vez na Escola de Geologia."